



**A liberdade está em fazer música independente. Pág. 15**

# ZE RO

Jornalismo — UFSC — Santa Catarina, abril/1985

**1** Cuidado: você pode adoecer no hospital. Saiba porque. Pág. 5

**2** No Brasil, de cada dez biriteiros, um é alcoólatra Pág. 5

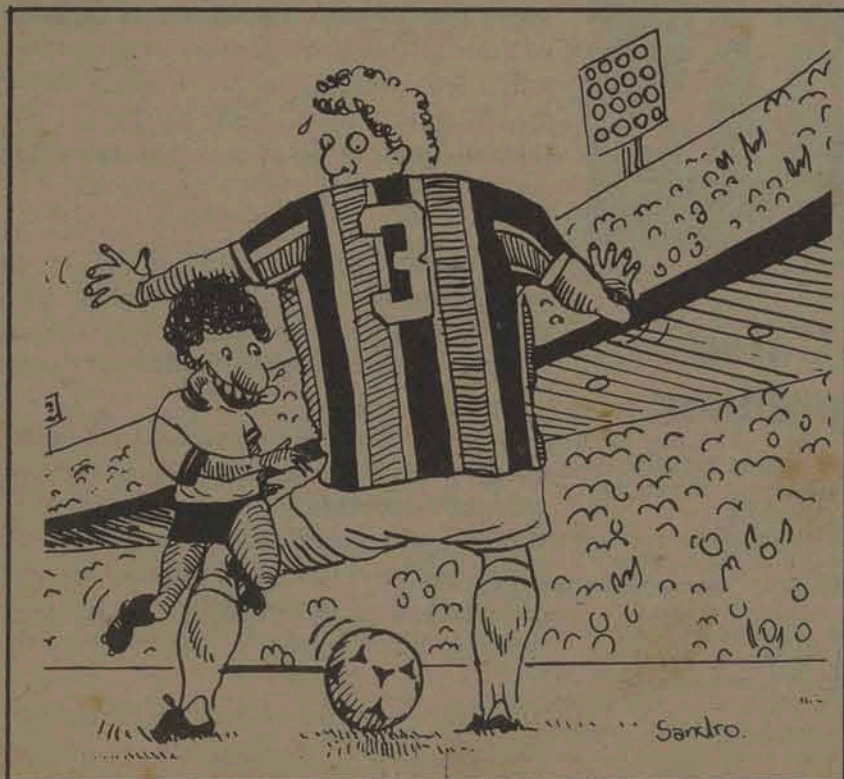
**3** Estatuto da terra na pág. 6

**4** Rodar ou não rodar, na pág. 3



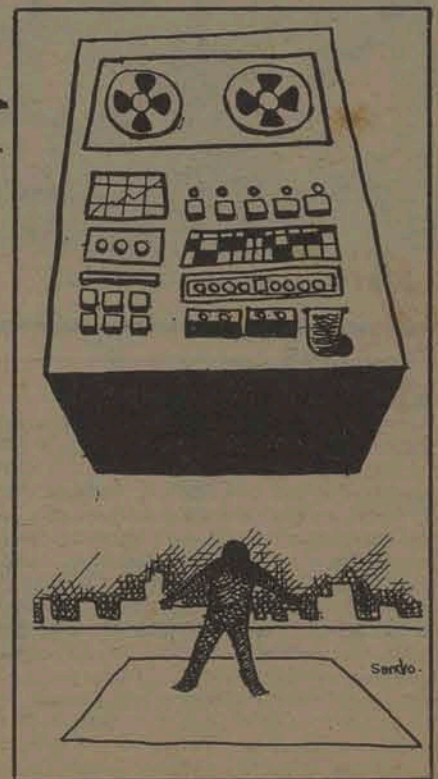
Sandro.

Os craques ganham bilhões. Mas os estádios estão cada vez mais vazios. E a grande crise do futebol Na última.



Sandro.

Informática é matéria de discussão em todo o país. Zero aborda a questão nas páginas centrais.



Sandro.

**EDITORIAL**

Estamos colocando na rua mais uma edição do jornal laboratório do curso de Jornalismo — ZERO. A criança que agora dá seus primeiros gritos de choro teve uma gestação demorada e difícil. Abril de 85, abre os olhos três meses depois do esperado. Todos os problemas da gestante, a sexta fase do curso, começaram em abril de 84, quando os professores da UFSC, apoiando uma greve nacional, paralisaram suas atividades. Os alunos não deixaram por menos, foram solidários. A luta começou, continuou, se arrastou por mais de três meses. Os professores, sem terem suas reivindicações mais importantes levadas em consideração e pressionados de todas as formas pelo MEC, resolveram voltar às atividades. A revolta era geral.

O vírus da greve trouxe novas complicações. A gestante já previa dias ruins. Depois de uma decisão democrática tomada numa assembleia geral de estudantes, funcionários e professores pela realização de apenas um semestre e do CUN e CEPE darem pareceres favoráveis a essa decisão, o todo poderoso Reitor Rodolfo Pinto da Luz manipulou toda a comunidade universitária e impôs a realização de dois semestres, em sete meses, com um mês de paralisação para férias.

A gestante desse jornal estava cada vez mais enjoada. Mas não era a única. Os professores do curso, derrotados na greve, não exigiam muito de sua capacidade de ensinar e com marasmo levavam as disciplinas. Nós não ficávamos atrás. A coluna já doía de tanto carregar esse feto e nem

mesmo tínhamos muitas esperanças de que viria ao mundo. Outros problemas vinham agravar a gestação. Motivados por melhores condições de trabalho e por melhores salários alguns professores deixaram o curso. A cadeira de Jornalismo Gráfico, responsável pela produção das matérias que formaram o feto, foi a mais prejudicada. Em menos de um mês o curso perdeu dois de seus professores. Esses não foram substituídos. A carga de trabalho que ficou para o único professor da cadeira não possibilitou uma assessoria melhor para quem estava "querendo aprender a escrever jornalisticamente". Além disso enfrentamos também o problema da falta de outros professores. Esse fato ocasionou um remanejamento da carga horária do corpo docente e uma compactação de matérias. A sexta fase sofreu as intempéries disso. Tivemos que escrever em dois meses as matérias que normalmente teríamos quatro para fazê-lo. Mas a vontade de ver esse filho parido continuou forte.

Os enjões, dores de coluna, pontapés na barriga, e as complicações da gestação, que apareceram contra nossa vontade, transformam-se numa alegria materna nesse instante que embalamos nossa cria. Greve, falta de professores, matérias imprescindíveis mal concluídas, não foram bastante para nos derrubar. Mesmo que ainda não saibamos escrever jornalisticamente e de não estarmos preparados para o mercado de trabalho, como é da opinião de alguns professores, estamos pondo esse filho no mundo. Nosso e amado. Que cresça e apareça.

## Formandos e o mercado de trabalho

NILSON NASCIMENTO

Com um ano letivo findando agora em março, mais uma turma, a que ingressou em 1981, forma-se em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Isso, antes de tudo, representa a colocação de pessoas que se dedicaram quatro anos a estudar a Comunicação e as técnicas dos meios, no mercado de trabalho.

Esse mercado, em Florianópolis, constitui-se de três emissoras de televisão, varias estações de radio, jornais, assessorias de imprensa e de tecnologia educacional, atividades em empresas publicitarias, além da imprensa alternativa. Um mercado aparentemente amplo para um número tão pequeno de novos profissionais.

Para Fabiola Souza de Oliveira, 23 anos, funcionária pública federal, entretanto, excetuando-se as modalidades alternativas, este mercado, por maior que fosse, ainda não lhe apeteceria. "Porque atualmente, todas essas empresas estão muito comprometidas com esse sistema", diz ela. "E eu gostaria mesmo era de fazer um trabalho de real interesse às camadas populares", explica. Jorge Massarollo, 29 anos, todavia, não encontrou esse problema ideológico. Já esta empregado e razoavelmente satisfeito com seu salário num jornal cooperativista.

Ronaldo dos Santos, 27 anos, funcionário da Fundação Catarinense de Cultura mantendo no órgão o cargo de assessor de imprensa, aproveita o recebimento de seu diploma para reivindicar um aumento salarial. "É que, até agora, eu recebo como assistente e não em nível técnico superior", justifica. Já sua colega de turma, Sirlley Virginia Ribeiro, sem a preocupação com salário, pelo menos por enquanto, espera conseguir um emprego, valendo-se da experiência e do material que conseguiu levantar quando realizava seu projeto final no curso da UFSC. "O meu projeto é de interesse do Estado. Se eles reconhecessem isso, contratariam-me na certa", diz ela.

Há também os que têm empregos em outras áreas e, no momento, não pensam em trocá-los pelo jornalismo. E há também quem esteja desempregado e assim prefere ficar por enquanto.

O que se observa no geral, é uma certa insegurança. Há o medo de sair da universidade e enfrentar o mundo lá fora. Hostil; já que o curso superior em jornalismo é recente, e até há pouco qualquer um podia provisionar-se como jornalista em Florianópolis. A concorrência assim é maior ainda. E deve-se reconhecer:

Quem nunca atuou na área (só fez de conta na escola) só pode sentir-se defasado diante daqueles que trabalham nos meios. A velha história da prática versus teoria.

Pedro A. de Mello



As pessoas que fizeram o Zero

**EXPEDIENTE**

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social — Habilitação Jornalismo — Universidade Federal de Santa Catarina — Março/85. **Tiragem:** Mil exemplares. **Circulação:** Campus Universitário. **Redação:** Adriana Althoff, Carlos Jung, Cláudia Erthal, Francisco Carlos Kuneski, Jeni Joana de Andrade, Maria de Fátima Mafra, Marise Ortiga, Marisa de Souza Naspolini, Mauro Antônio Pandolfi, Meiri Fátima Coletti, Nilson Rogério do Nascimento, Paulo Scardueli, Raquel Vieira Wandelli, Rosângela dos Santos, Stela Maris Ganilho Dias Belo, Suely Regina de Aguiar e Valentina da Silva Nunes (reporteres/redatores/diagramadores/ Fotografia/ Cartun) — 6.ª Fase. **Professores responsáveis:** Ayrton Kunitz, Luiz Lanzetta e César Valente. **Cálculos de diagramação:** Jucélia Fernandes. Composto e impresso na Empresa Editora Jornal O Estado — Florianópolis.

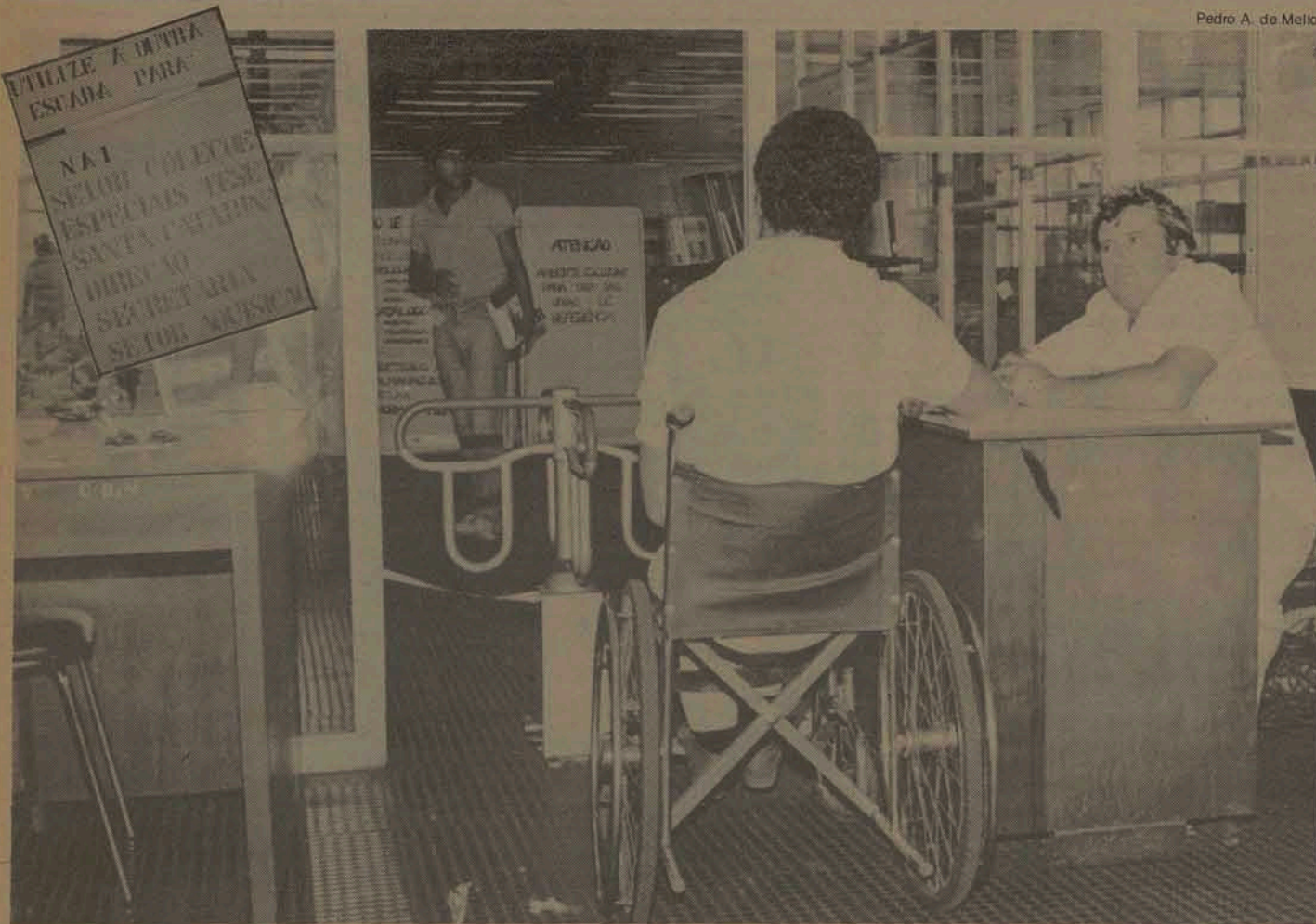
## Alunos do Curso conquistam prêmios

Meiri Fátima Coletti, aluna da 6ª fase de Jornalismo e Celso Vicenzi, da 8ª fase, conquistaram recentemente dois prêmios nas áreas — jornalísticas e literária.

Meiri, além de possuir um bom texto jornalístico, vem se dedicando, com êxito, à produção de contos. Ela obteve o 3º lugar no Concurso "Contos da Maioria", com o Conto "Tudo bem, Glória".

Celso participou do IV Concurso Nacional de Reportagens e ganhou o Prêmio Regional Sul, com a reportagem "Um alemão consegue muito dinheiro catando papelão", publicada em dezembro do ano passado. O Concurso contou com a participação de 230 jornalistas, de todo Brasil, e teve seu resultado divulgado dia 13 de março.

Saber que existem companheiros de talento no curso e que já sabem escrever tão bem, é motivo de satisfação e de vontade de nos aprimorarmos cada vez mais e mais.



Pedro A. de Mello

# RODAR OU NÃO RODAR?

CHIKO KUNESKI

As pessoas deficientes, além de superarem as limitações e o estigma social causados por essa condição, ainda têm que enfrentar as barreiras arquitetônicas que lhes são impostas. Segundo a ABRADFEFS (Associação Brasileira de Deficientes Físicos e Sensoriais) seção de Santa Catarina, os deficientes somam 10% da população da Grande Florianópolis. Apesar do número existente e de haver leis que asseguram o direito do livre trânsito dessa parcela da população, eles não podem "sair de casa". As leis morrem nos arquivos.

As dificuldades aumentam para os deficientes que utilizam cadeiras de rodas. É quase impossível, por exemplo, para uma pessoa parapléica ou tetrapléica fazer qualquer curso na UFSC. "Não há condições de circular no Campus Universitário em cadeira de rodas", adverte Arno Kummer, Engenheiro Agrônomo e parapléico há três anos. "Não existem rampas de acesso, rebaixamento de calçadas e meio-fio, banheiros com a largura das portas necessárias para a passagem da cadeira, além da existência de roletas na Biblioteca Central e no Restaurante Universitário."

A solução para todos esses problemas já foi apresentada em 1981 por uma comissão especial — formada por três pessoas deficientes e um funcionário da Universidade — que estudava o caso das barreiras, ao então Reitor Ernane Bayer. O projeto para a melhoria

nas condições de acesso aos deficientes na Universidade foi na época (Ano Internacional das Pessoas Deficientes) muito bem recebido pela reitoria. Posteriormente arquivado e esquecido.

"Na Universidade não conseguiria nem mesmo chegar ao Reitor e reclamar do descaso de não me permitirem acesso sozinho", observa Paulo Bravo, professor universitário da FERJ e parapléico, "há um enorme degrau antes do elevador".

## CIDADE

Em Florianópolis é impossível transitar em cadeira de rodas nas ruas. As calçadas não oferecem condições, não existem rampas de acesso, rebaixamento do meio-fio e os lugares mais necessários e comuns como bancos, cinemas, repartições públicas, colégios e até a Catedral Metropolitana não estão preparados para receberem as cadeiras de rodas.

No dia 30 de outubro de 1984 entrou em vigor a Lei Municipal, de n.º 2.153, que assegura às pessoas deficientes "o direito de ter suas necessidades especiais levadas em consideração em todos os estágios de planejamento físico-territorial, econômico e social." Segundo a Lei 2.153 o Poder Executivo Municipal deverá promover: rebaixamento do meio-fio das calçadas, acesso aos edifícios públicos e a terminais de passageiros urbanos, além de fiscalizar as construções dos prédios multi-familiares e comerciais que deverão ser acessíveis

às pessoas deficientes, em todos os seus pavimentos. Depois de quatro meses da Lei ter entrado em vigor, ainda não houve qualquer modificação nas ruas e prédios da cidade. Mais uma lei morre nos arquivos.

Para Paulo Bravo as barreiras arquitetônicas, aqui como em qualquer outro lugar, obrigam o deficiente a ter um poder aquisitivo bem maior que uma pessoa não deficiente. "Não há acesso aos locais que têm preços mais baratos como as lojas que ficam nas sobre-lojas, mercado público, etc, temos que nos sujeitar a pagar os preços dos lugares que permitem acesso às rodas", explica ele. E continua: "mas às vezes nem mesmo os lugares mais caros nos permitem acesso e temos que passar pelo vexame de sermos carregados no colo, quando poderíamos nos locomover sozinhos. Um exemplo em Florianópolis é o Floph, um hotel de cinco estrelas, sem rampa para cadeiras de rodas e sem entrada pela garagem."

Segundo Paulo Bravo, "basta você prestar um pouquinho mais de atenção e vai ver como são raros os lugares que permitem irmos sozinhos, sem que alguém nos carregue."

"É uma verdadeira maratona", comenta Arno Kummer. "Para ir a qualquer lugar tenho primeiro que estudar bem o local e ver se há condições que me permitam chegar lá sozinho. Tenho

que traçar verdadeiras manobras para fazer o que necessito devido às barreiras" — Segundo Arno, funcionário da CIDASC, "a deficiência não impede a pessoa de ser independente. Com certas adaptações que fazemos em nossas vidas, nos viramos sozinhos." Ele explica ainda que muitas vezes, como no seu caso, a sociedade resolve paliativamente o problema das barreiras arquitetônicas, sem, no entanto, dar uma solução final. "Onde trabalho há um degrau enorme. O problema foi parcialmente solucionado com a colocação de uma rampa móvel que me permite ingressar no prédio, mas continuo dependendo de outra pessoa para colocar e retirar a rampa", diz ele.

O tetrapléico e médico Adalberto Michels diz que "o problema das barreiras arquitetônicas limita o deficiente em tudo e amplia o peso da deficiência que muitas vezes não é tão grande." Segundo Adalberto é impossível sair sozinho nessa cidade em cadeiras de rodas. "Depois que sofri o acidente fui ao cinema uma única vez, isso porque meu cunhado me levou no colo", comenta ele.

## DESCASO

João Batista Cintra Ribas, em seu livro "O Que São Pessoas Deficientes", diz: "o que me parece importante é que um deficiente que 'transe' bem sua cadeira de rodas e com a vida, sem dúvida poderá ter suas limitações atenuadas." Muitos deficientes seguem esse conselho, mas as resoluções de certas dificuldades normalmente estão fora do alcance de suas mãos. As barreiras arquitetônicas são uma imposição que lhes foge ao controle. "Não é difícil facilitar um pouco nossa vida", diz Paulo, "basta apenas nos deixarem viver como somos e nos permitirem acesso aos locais que todos têm." Para ele, as pessoas responsáveis pela construção de imóveis e ruas talvez nem saibam que os deficientes existem, e os órgãos responsáveis pelo cumprimento das leis especiais são totalmente relapsos em suas funções.

Para Arno, já está na hora de acabar com o descaso com que o deficiente é tratado. "Com relação as barreiras arquitetônicas não é difícil resolver, pois em todo lugar que um deficiente vá as outras pessoas podem ir, mas nos lugares que os não deficientes vão na grande maioria das vezes não temos acesso", constata ele.

*São consideradas pessoas parapléicas todas aquelas que são portadoras de uma seqüela, resultado de uma lesão, no sistema nervoso congênita ou causada por acidente, a nível medular, determinando a interrupção de impulsos nervosos abaixo daquele nível. Normalmente atinge apenas os membros inferiores.*

*São consideradas pessoas tetrapléicas todas as pessoas portadoras de uma seqüela resultado de uma lesão, no sistema nervoso central, causada por acidente, a nível medular, que determina a interrupção de impulsos nervosos e ocasiona o comprometimento dos membros inferiores e superiores.*

# AS MEDICINAS ALTERNATIVAS

Dia 27 de fevereiro de 85 uma senhora de aproximadamente 40 anos, submeteu-se ao tratamento de acupuntura. Seu corpo foi espetado durante 40 minutos.

Todos os dias, aproximadamente 70 pessoas recorrem a duas academias de Ioga existentes em Florianópolis. Sem falar, nas pessoas que a praticam em casa.

O restaurante Vida, alimentação natural, sempre tem casa cheia na hora do almoço e jantar.

Nos dias 8, 9, 10 e 11 de novembro de 84 realizou-se um curso de DO-IN e o frei Hugolino Back reuniu quase mil pessoas em sua palestra sobre Bioenergia.

Florianópolis finalmente entrou na era do cultivo, por formas alternativas, da saúde.

## MAURO ANTÔNIO PANDOLFI

Nos últimos anos vem se verificando um crescente interesse na utilização de métodos naturais no controle de doenças, visando o restabelecimento do equilíbrio como fonte primordial de saúde.

Nesse sentido, uma série de preconceitos arraigados em nossa cultura vem sendo questionada com a criação e o aperfeiçoamento de diferentes processos terapêuticos. Muitos deles, assentados na sabedoria milenar dos povos do Oriente.

Os princípios básicos da medicina oriental, que regem a Acupuntura e a Ioga, hoje mundialmente difundidos, são agora confirmados e incorporados pela pesquisa médica de vanguarda. O homem começa a ser estudado como um organismo dinâmico em permanente relação com o meio ambiente. O homem é um fluxo contínuo de energia.

A bioenergética, iniciada por Wilhelm Reich, conduz a outras técnicas de estimulação da energia vital. Especialmente, ao aperfeiçoamento do mais simples e eficaz sistema de automassagem: o DO-IN.

Um dos elos do equilíbrio humano é a alimentação. A macrobiótica, uma terapia alimentar baseada na medicina chinesa, busca manter o equilíbrio das forças da natureza: o Yang (positivas) e o Yin (negativas). Já a alimentação natural busca manter o equilíbrio orgânico do indivíduo.

A homeopatia é uma forma alternativa de origem ocidental. Busca a cura pelo semelhante, isto é, "similia similibus curantur".

Boa parte das alternativas de saúde tem origem oriental. Essa origem é justificada pelo professor de Ioga, Joris Marengo: "Os orientais praticam essa medicina há 5 mil anos. Eles eliminaram qualquer possibilidade de erro", disse ele.

## IOGA

É um sistema filosófico, que compreende uma conceituação básica, uma técnica e uma disciplina, que tem por objetivo reeducar integralmente o ser humano.

Ioga vem do sânscrito, e quer dizer União, segundo a professora Gislane, em 3 níveis: consigo mesmo, com os outros seres do cosmos e com o cosmos".

Apesar de existirem 108 linhas, a Ioga é basicamente uma só. As linhas mais conhecidas são: Hatha-Ioga, Karma-Ioga Bhatky-Ioga, Raja-Ioga, Inani-Ioga, Iatra-Ioga. As linhas são degraus que se tem de percorrer. Cujo ponto de partida é a Hatha-Ioga com suas posturas estáticas

(Hasanas), os movimentos lentos, calculados, e o controle da respiração (Pranayana). É a forma mais praticada no Brasil. Tem como objetivo conseguir uma harmonia completa entre o corpo e a psique, com a consequente melhora de saúde e longevidade.

Há em Florianópolis duas academias, ou como diz o professor Joris Marengo: "Dois núcleos culturais, que visam divulgar a cultura oriental". O preço é equivalente às academias de ginástica.

## ACUPUNTURA

"Essa terapia antiquíssima baseia-se no seguinte: a força Yang (positiva), tonificante e excitante, contrasta com a força Yin (negativa), moderadora e calmante. Num indivíduo sã, as duas forças acham-se equilibradas. Portanto, nessa base, a cura de uma doença pode ser conseguida através do estímulo da força carente, ou da redução da força superatuante. E como é obtido este resultado? Introduzindo-se agulhas (existem 9 tipos) nos pontos que os chineses chamam King (meridianos) onde correm as energias Yang e Yin, relativas à área afetada", explicou o Dr. Dagoberto Caon, clínico geral e acupunturista.

Acupuntura é utilizada como anestesia em vários países do Ocidente. A Organização Mundial de Saúde divulgou uma lista de doenças que podem ser tratadas pela Acupuntura. Essa lista abrange desde vias respiratórias, problemas estomatológicos, perturbações gastrointestinais, nervosas.

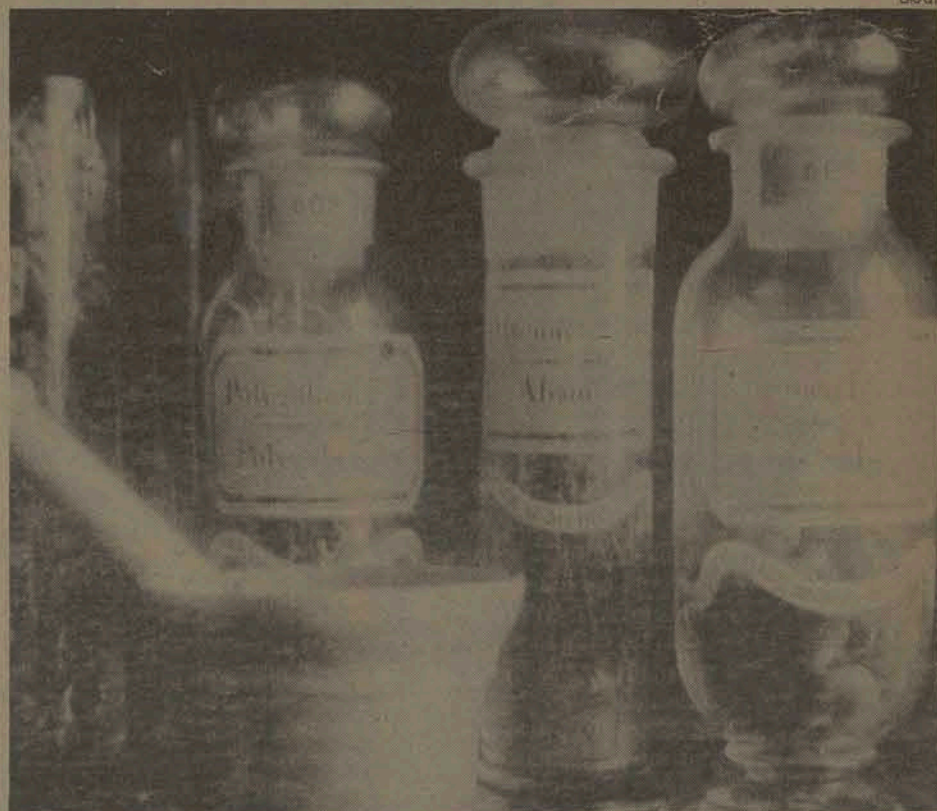
Comprovado bom desempenho no tratamento das doenças coronárias, em que a Acupuntura faz aumentar a circulação das artérias e a função do ventrículo esquerdo. A técnica é eficaz no controle da febre e das inflamações, e na popular enxaqueca.

As contra-indicações são: durante a gravidez, a introdução de agulhas em tumores e, em pacientes portadores de marca-passo cardíaco.

Ha 4 médicos em Florianópolis. A consulta é mais barata que a consulta tradicional. "É mais barato, porque não usa medicamentos, é um tratamento mais longo", esclarece o Dr. Dagoberto.

## DO-IN

A teoria do Do-in é baseada no conceito chinês, onde o universo é um organismo vivo e dinâmico, constituído por uma energia cósmica elementar da qual derivam, por condensação e diferenciação, todas as coisas existentes. O organismo



humano, sendo uma réplica do universo, está sujeito às mesmas leis da natureza.

A terapia do Do-In consiste na estimulação do fluxo energético através de simples pressões com a ponta dos dedos nos pontos de captação, armazenamento e distribuição da energia vital no organismo.

A prática do Do-In é especialmente eficaz na prevenção e correção dos desequilíbrios funcionais, tais como, problemas cardíacos, circulatórios, renais, sexuais, gástricos, hepáticos e distúrbios neuro-vegetativos em geral. No tratamento de primeiros socorros, a pressão nos pontos energéticos atua como uma alternativa natural para os analgésicos e outras drogas químicas, produzindo alívio imediato de dores e distúrbios que afligem o ser humano.

"O Do-In é a acupuntura doméstica", afirma o Dr. Dagoberto Caon.

## MACROBIÓTICA

Macrobiótica significa vida longa. Atualmente busca prolongar a vida, e tomá-la mais saudável pela observação de determinadas regras de higiene e de alimentação.

"A macrobiótica é uma terapia alimentar, que visa o equilíbrio do Yang e do Yin através da alimentação — base de soja. Para a macrobiótica, cada corpo está em contato com a natureza, e é necessário mantê-lo equilibrado. São forças que em harmonia, geram o cosmos. Em desequilíbrio, impõem o caos", explica Noé Felipe, proprietário do restaurante Vida. Uma recomendação interessante: deve-se comer bebendo e beber comendo. Ou seja, deve-se procurar liquefazer as comidas sólidas antes de engolir e, por outro lado, girar o líquido na boca até que ele se encorpe.

## COMIDA NATURAL

A alimentação natural procura balançar

e combinar os alimentos. "Cada corpo é diferente, e tem necessidades próprias", diz Noé Felipe. "Nega-se a carne e os produtos industrializados. A carne, por não ter valor proteico. Os produtos industrializados, por conterem aditivos químicos".

Já o açúcar, Noé considera "uma fonte de loucura": "É difícil de ser digerido, necessita de muito cálcio. Atinge o cérebro e altera o sistema nervoso", afirma ele.

Algumas regras devem ser obedecidas, como, não misturar cereal com suco de fruta cítrica. Ex. pizza com suco de laranja, ocorre fermentação e dificulta a digestão.

"Alimentação natural muda o físico, a cabeça e o estado mental. O físico — some o raquitismo. A cabeça — porque o sangue flui melhor. Estado mental — a pessoa sente-se mais leve", afirmou Noé.

## HOMEOPATIA

A homeopatia não é a medicina so dos chazinhos. É uma medicina com uma experimentação fundamentada, sem poções mágicas. A homeopatia foi criada e desenvolvida pelo médico Samuel Hannemann.

A homeopatia é um sistema médico vitalista, que, concebendo as molestias como simples grupos de sintomas da alteração geral da energia vital, cura com agentes que produzem no corpo, são grupos de sintomas semelhantes.

Esses agentes são usados isolados e em doses mínimas. Que agem sobre a energia vital alterada por meio de sua energia curativa posta em liberdade pelo seu modo de preparação farmacêutica ou pelos líquidos orgânicos.

A homeopatia é um sistema médico e não um simples método de cura. Tem um certo número de princípios fundamentais ligados intimamente, e que a recusa de um só deles, equivale à negação do seu conjunto.

# 16 milhões de alcoólatras no Brasil

## ROSÂNGELA DOS SANTOS

Ao contrário do que muitos pensam, o alcoolismo é uma doença — e a segunda que mais mata no mundo. No Brasil, de acordo com estudos realizados, de cada 10 pessoas que bebem socialmente uma se torna alcool-dependente. E há, hoje, cerca de 16 milhões de alcoólatras no país. Em Santa Catarina eles são aproximadamente 200 mil.

Considerada uma doença bio-psico-social, por afetar o indivíduo física, mental e moralmente, o alcoolismo é tratável e recuperável, mas não totalmente curável. A doença é progressiva, o paciente tem que realmente abater-se da bebida para melhorar. "Se o alcoólatra para de beber a doença estaciona", explica o doutor Aristeu Stadler, chefe do Departamento de Alcoolismo do Instituto São José. "Mas se a pessoa toma uma dose novamente, perde o autocontrole e a doença recomeça."

Apesar dos inúmeros estudos feitos, a causa desta doença ainda não foi descoberta. Apenas se conhece alguns fatores que agem no desenvolvimento do alcoolismo, como o fator metabólico, o hereditário (uma pesquisa feita nos EUA detectou que de 4.500 alcoólatras, 54% tinham antepassados portadores da doença) e os fatores sociológicos ou psicológicos.

"São muitas as pessoas que atribuem a crise econômica ou aos problemas sociais a origem do alcoolismo", relata o Dr. Aristeu. "É um raciocínio equivocado. O que pode acontecer diante de uma dificuldade ou trauma é o desenvolvimento do alcoolismo. Mas esta pessoa já tem uma tendência a ser alcoólatra".

Realmente. Consultados, os familiares de alcoolistas apontam os problemas em casa, choques como a morte de uma pessoa querida, relacionamento entre pais e filhos e influência de amizades como as principais razões que levam a pessoa a beber. "Se fôssemos beber por causa dos problemas que temos, o Brasil seria um país alcoolizado", diz a socióloga Juçara Matias,

do Instituto São José, diante destas afirmações.

## SINTOMAS

Para o paciente é difícil admitir que o álcool está sendo prejudicial. Quanto mais a pessoa bebe mais tem vontade de beber. Mas ninguém se torna alcoolista da noite para o dia. A doença vai se desenvolvendo, progressivamente.

Uma gastrite, a alteração no apetite ou uma hipertensão arterial podem ser as primeiras manifestações físicas do alcoolismo. As maiores consequências da doença, no entanto, são os problemas psíquicos que se originam como a depressão, ansiedade, angústia ou até mesmo alucinações.

"Na primeira etapa de um tratamento o paciente é medicado e desintoxicado. Há uma avaliação médica que detecta os problemas físicos e psíquicos decorrentes da doença. Depois, a pessoa passa por um programa de conscientização intensiva, que é feito em grupo, onde todos discutem suas dúvidas e trocam experiências sobre a doença", explica Aristeu Stadler.

Em Santa Catarina apenas dois hospitais oferecem serviços especializados no tratamento do alcoolismo: o Instituto São José e a Colônia Santana.

No Instituto São José o tratamento é feito durante quatro semanas e cerca de 70 pessoas são atendidas mensalmente.

Não há estudos que indiquem o percentual de pacientes que retornam após o tratamento. De acordo com uma estimativa realizada nos anos de 82/83 o percentual de retorno, no Instituto São José, foi de 25%. Em Porto Alegre, por exemplo, onde os serviços são mais especializados 42% dos alcoolistas tratados continuam sem beber. Esse número é expressivo já que em serviços internacionais o índice de alcoólatras que retornam aos hospitais oscila entre 30 a 60%.

"A base de todo o tratamento e a predisposição do alcoólatra em se recuperar e a sua conscientização de que não pode mais ingerir álcool", enfatiza o Dr. Aristeu.

## OS ANÔNIMOS

Em cima desta conscientização do alcoólatra e da força de vontade que o doente tem para se curar e que os grupos de Alcoólatras Anônimos — A.A. — desenvolvem seu trabalho.

"A pessoa que frequenta assiduamente as reuniões e está consciente de sua impotência perante o álcool e que mantém firme o seu propósito de abandonar a bebida consegue se recuperar. Dos que frequentam os grupos de Alcoólatras Anônimos cerca de 30% reagem assim", declara um dirigente de mesa do grupo de A.A.

O primeiro grupo de Alcoólatras Anônimos do mundo foi formado em 1935 em Akron, Ohio, na América do Norte. Em Santa Catarina existem 70 grupos de A.A. O primeiro deles foi fundado em Blume-

Manse Origia



Em Santa Catarina o número de alcoólatras ultrapassa 200 mil.

na. Na capital o primeiro grupo, intitulado "Tranquilidade", originou-se em 1970 e hoje eles são em número de nove.

No grupo Tranquilidade cerca de 12 pessoas participam das reuniões realizadas de segunda a sexta, das vinte às vinte e duas horas e domingos de manhã. Nestes encontros, através de uma terapia de grupo, os alcoólatras tentam alcançar a sobriedade.

"Os recursos médico-hospitalares só resolvem a fase aguda do alcoolismo, que é a desintoxicação. A dependência psicológica e resolvida aqui", diz um alcoólatra anônimo. "O alcoólatra que não para de beber termina na loucura e morre prematuras", continua ele. "O alcoolista se mantém curado a cada vinte e quatro horas de abstinência total de álcool."

Nos grupos, os dirigentes de mesa são alcoólatras recuperados. Muitos jovens e um número considerável de mulheres também procuram os A.A. No Instituto São José, por exemplo, há um grupo de A.A. que reúne-se três vezes por semana.

Os A.A. não aceitam qualquer espécie de ajuda financeira e não têm nenhum vínculo com entidades privadas ou governamentais. Apesar de não terem, também, o apoio expresso do governo estadual, há uma orientação do Ministério da Saúde para que as secretarias de saúde dos estados deem total apoio à formação desses grupos.

## FAMILIARES

Com a dependência que se cria e difícil para o paciente deixar o álcool sozinho, sem qualquer ajuda.

No Instituto São José há um programa de orientação às famílias durante o tratamento do alcoólatra. Semanalmente são realizados encontros onde os familiares são esclarecidos e orientados sobre as consequências da doença e as formas de tratamento.

Através do grupo de Alcoólatras Anônimos são desenvolvidos, também dois programas de orientação, o ALANON, destinado ao cônjuge do alcoólatra e o ALATEEN, PARA OS FILHOS.

## Contaminação dos hospitais ameaça pacientes

Apesar do progresso alcançado nos últimos 50 anos nos campos da esterilização, da desinfecção e da assepsia, de 3,5 a 15,5% dos pacientes hospitalizados adquirem infecções. Deste total o índice de mortalidade varia entre 13 e 17%.

Os resfriados, as pneumonias ou as lesões de pele estão entre as doenças mais frequentes, contraídas em hospitais. As infecções de origem cirúrgica, por exemplo, representam de 17 a 30% do total de infecções hospitalares. Das pessoas submetidas ao cateterismo venoso cerca de 15% são vítimas de infecções. E os problemas de infecções urinárias atingem de 15 a 44% dos pacientes internados.

O aumento das infecções hospitalares tem muitas causas. Alguns fatores são a má esterilização de objetos usados nos pacientes, curativos feitos sem que se tenha todos os cuidados necessários, ou a não observação, na prática, de técnicas básicas de higiene. Além disso, atualmente, houve um aumento da taxa de sobrevivência de recém nascidos prematuros e de pessoas idosas, todas muito suscetíveis à microorganismos.

O emprego de determinadas medidas terapêuticas como um tratamento prolongado com antibióticos, ou a quimioterapia, no caso de tumores malignos, tendem a alterar

o organismo de alguns pacientes inutilizando suas defesas naturais.

Assim, as altas taxas de infecção hospitalar não significam, necessariamente, má qualidade de assistência médica. Em princípio quanto melhor for o hospital, mais graves serão os problemas dos pacientes nele internados, o que pode aumentar o índice de infecções causadas pela debilidade do organismo da pessoa que está em tratamento.

"Por isso o cuidado que temos que ter com a higiene é tão importante quanto o acompanhamento e a observação rigorosa dos medicamentos que estão sendo aplicados em cada caso, para que se possa diminuir o índice de infecções hospitalares", explica Alfredo Daura Jorge, Diretor do Hospital Celso Ramos.

Como se vê ninguém está imune desses riscos.

Mas o que se pode fazer para prevenir e diminuir os casos de infecções hospitalares?

## CUIDADOS BASICOS NOS HOSPITAIS

O problema é grave e preocupante.

No hospital, ao se planejar a adoção de medidas saneadoras, é oportuna a participação de todo o corpo clínico que deverá ser alertado para a importância social do problema, para a extensão dos custos dire-

tos e indiretos devidos à infecções oriundas de procedimentos de pequeno porte mas de grande potencialidade, e, finalmente, para a certeza do retorno dos investimentos feitos nesta área.

Será mais lógico ter um suprimento adequado de luvas e sondas para aspiração endotraqueal do que despejar rios de dinheiro na compra de antibióticos para tratar as broncopneumonias resultantes da falta de cuidados.

Outro ponto importante na prevenção de infecções é o alerta feito a toda a comunidade para que não vá aos hospitais, visitar um doente, com gripe, alergias ou qualquer tipo de lesão.

## AS COMISSOES

"Não há uma preocupação constante quando o doente chega aos hospitais, com as possibilidades dele adquirir infecções. Mas isto deveria ocorrer. Já há, inclusive, uma portaria do Ministério da Saúde que trata da formação de Comissões de Controle de Infecções Hospitalares — CCIH, em todas as casas de saúde", diz Alfredo Daura.

A portaria do Ministério foi divulgada há um ano e meio e o objetivo dessas comissões é o de coordenar um sistema de vigilância permanente para que se avalie, de forma contínua, todas as causas do processo infeccioso, tendo em vista o seu controle.

Mas, infelizmente, a preocupação com o problema parece ser mais burocrática, pois na prática pouca coisa vem sendo feita pelo governo federal.

"Não há fiscalização. Nem rigorosa, nem não rigorosa. Afinal quem é o principal responsável pela situação em que se encontram os hospitais, senão o governo? Talvez eles baixem a portaria e não fiscalizem porque não tem condições morais de fiscalizar", continua Daura. "Mas a portaria foi implantada, e é uma primeira preocupação. No caso do Hospital Celso Ramos a comissão precedeu a portaria do Ministério".

Com 250 leitos e um corpo clínico de 900 pessoas o Hospital Celso Ramos vem trabalhando em cima do problema de infecções através da sua CCIH.

"A nossa taxa de infecção é de 3,6%, estando entre as menores do mundo", declara o Diretor do Hospital. "Só para se ter uma ideia antes da comissão ser instalada nós utilizávamos 92.000 unidades de antibióticos, por semestre. Agora esse número caiu para 45.000 unidades. Isso mostra que as infecções foram realmente debeladas em sua grande maioria."

Na capital do Estado, além do Celso Ramos, somente os hospitais Joana de Gusmão, Florianópolis e as Maternidades Carmela Dutra e Carlos Corrêa possuem essas comissões.

# Vinte anos do estatuto da terra

FÁTIMA MAFRA

O Estatuto da Terra fez 20 anos no final do ano passado. Entretanto, neste mesmo período, o crescimento do número dos Sem Terra foi assustador. No Brasil, eles são mais de 12 milhões. Em Santa Catarina mais de 170 mil. Diante deste quadro, o Secretário da Comissão Pastoral da Terra Francisco Veríssimo, considera "que o Estatuto foi criado pelo governo militar para neutralizar a mobilização que havia há 20 anos em torno da Reforma Agrária. E foi justamente depois do golpe de 64 que levou ao poder, pela violência, as forças mais reacionárias e exploradoras deste País, o número dos Sem Terra cresceu assustadoramente".

O Secretário da CPT disse que o Estatuto da Terra nasceu no bojo dos movimentos sociais na década de 60, em meio a organização de forma espontânea como as Ligas Camponesas, Sindicatos, ou seja, movimentos para que fosse instituída a Reforma Agrária. "O Estatuto possui várias facetas", afirma Francisco. "Uma tenta definir o conceito de Reforma Agrária como a redistribuição das propriedades, outra apenas a distribuição de terras medidas e garantias de mudanças de uma nova mentalidade de uso e distribuição da terra. A comercialização, a produção, os insumos, os créditos e assistência técnica também."

Teoricamente a aplicação do Estatuto é defender a Grande Empresa Rural, explica Francisco Veríssimo. "Com o capitalismo desaparece a pequena propriedade impródutiva, há uma grande concentração de

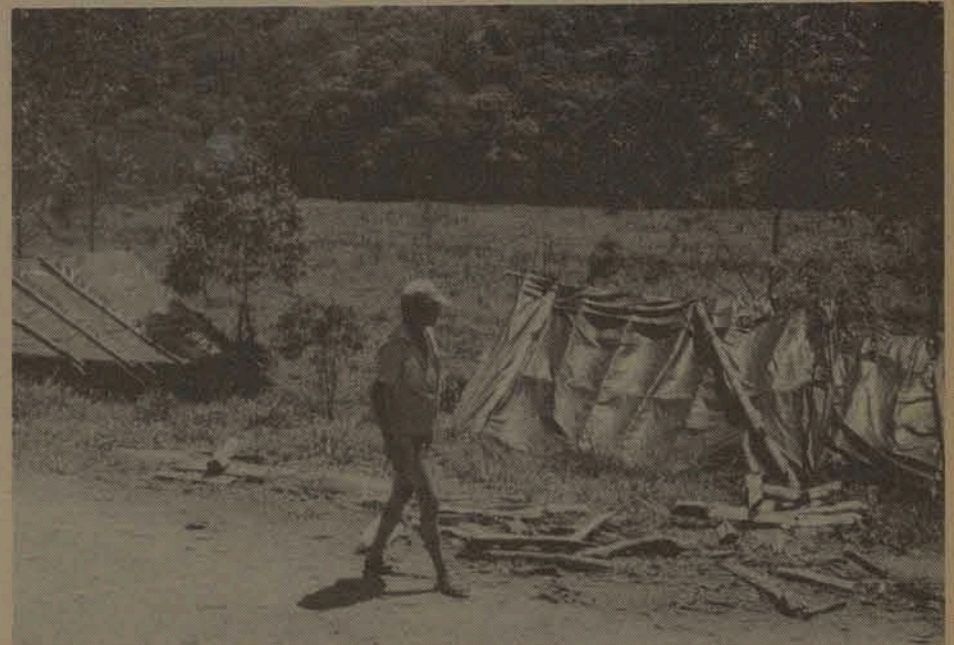
terras e a mudança do tipo de lavoura de subsistência para a de exportação. Houve a modificação das relações no campo, surgiu a grande propriedade e aparecem com isso, os assalariados rurais. Este sistema apenas manteve a lavoura de fumo, a criação de porcos e aves, mas de forma integrada e dependente das grandes Empresas.

Segundo Francisco, o êxodo rural aconteceu devido a inviabilidade da pequena lavoura com a aplicação das exportações. "Houve a necessidade da mão-de-obra na cidade e os trabalhadores rurais tiveram que ir trabalhar nas Indústrias."

## SANTA CATARINA

Se esta situação no Brasil jogou 12 milhões de trabalhadores rurais sem terra na miséria diz Francisco, Santa Catarina certamente está incluída. "Um levantamento feito pelo Sindicato dos agricultores do Estado feito em 1982 confirma que há 136 mil agricultores sem terra, sem contar os assalariados, os bóias-frias, arrendatários e diaristas". A comissão Estadual de Planejamento Agrícola, CEPA, com a participação do INCRA concluiu no final de 84 um levantamento que demonstra que este número já aumentou para 170 mil.

A CPT está engajada com a luta dos trabalhadores rurais. Segundo Francisco, a luta cresce na organização de um movimento dos Sem Terras, surgido da necessidade de resistir e avançar na luta pela terra, eliminando os conflitos na prática. "O movimento dos Sem Terra vive de opressão, mas possui como arma a sua organização e a disposição de luta até a vitória", disse ele.



Moradia: um dos problemas dos posseiros

"Nascido a partir do acampamento de Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta -RS, hoje está por 12 Estados do Brasil e não tardará a ser presença marcante em todo o território Nacional. Onde existir latifundiário e agricultor sem terra, aí o movimento estará presente", conclui Francisco Veríssimo.

Em janeiro deste ano inclusive, os Sem Terra promoveram o seu I Congresso Na-

cional, em Curitiba. Com a participação de 1.500 delegados representando os trabalhadores rurais de todo o País, eles fizeram do Congresso um "grito pela Reforma Agrária já". Através de um documento final, exigiram o fim da violência que são submetidos no campo, a desapropriação das terras das multinacionais e dos latifundiários, a revogação do Estatuto da Terra e a Reforma Agrária controlada pelos trabalhadores.

## Palmito: um produto que vira subproduto

O Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina está desenvolvendo o "Projeto Nativas Florestais", que visa preservar espécies em extinção da Zona da Mata Atlântica, vegetação típica do litoral catarinense. O palmito é uma das espécies ameaçadas, e o projeto, junto com a indústria de transformação Germer, procura novos produtos para seu aproveitamento: por exemplo, o patê de palmito.

VALÉNTINA NUNES

"A importância econômica do palmito ainda é uma incógnita. Nos, no momento, estamos mais preocupados em evitar que a espécie se extinga nas matas do sul, devido à predação desenfreada, e posteriormente, sim, procuraremos desenvolver técnicas de transformação para que seja utilizado de diversas maneiras" afirma o professor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina, Rubens Onofre Nodari. Nodari é o coordenador do "Projeto Nativas Florestais" que está sendo desenvolvido nas zonas da Mata Atlântica, região típica do litoral catarinense, e que procura preservar as espécies naturais ameaçadas, como é o caso da polpa das palmáceas, também conhecida como palmito.

O "Projeto Nativas Florestais" reúne mais seis professores dos cursos de Agronomia, Biologia e Engenharia de Produção, e tem por principal objetivo, o reflorestamento das áreas onde a ocorrência do palmito é natural; e também o desenvolvimento de novas técnicas para seu aproveitamento econômico, através da criação de novos produtos como patê, cremes e doces. "O patê de palmito é algo inédito, não temos conhecimento de que seja desenvolvido em outros países; apenas na França, um dos principais importadores, sabemos que uma pasta é consumida pela população, mas não chega a ser um patê propriamente dito" afirma Nodari. Mas o mais importante é que o patê será feito da primeira

casca do palmito, conhecida como bainha, e que até hoje nunca foi aproveitada pelas indústrias de transformação.

Para a comercialização dos novos produtos o projeto receberá apoio da indústria Germer, que se encarregará de embalar e distribuí-lo para todo o Brasil. "Neste verão, aproveitamos a vinda dos turistas para lançá-lo na rede hoteleira, pois assim o produto tornar-se-á mais conhecido" acrescenta Nodari. Os responsáveis pela produção do patê serão os membros do projeto, enquanto a indústria Germer, com a qual estão em convênio, fará apenas a comercialização, pois este é um investimento caro — e o projeto não tem tantos recursos.

A necessidade de surgimento de tal projeto surgiu da diminuição das reservas naturais que, conseqüentemente, gerou a extinção das indústrias de transformação, a menor arrecadação de tributos, o desemprego, um baixo índice de exportação e de divisas para o país. A diminuição das reservas naturais se deu com a predação desenfreada, desde que o produto, a partir de 1922, conquistou os mercados nacional e internacional. Para se ter uma ideia da demanda do palmito, a taxa de exportação de 1922 subiu de 685,60 dólares por tonelada para 2.883,57 dol./ton. em 1981, resultando daí um verdadeiro desastre ecológico, apesar dos benefícios que também trouxe.

"As indústrias de transformação baseavam-se no puro extrativismo, e

quando cortavam as árvores adultas não se preocupavam com as sementes, ou com a reposição de novas plantas". Outro fato responsável pela extinção do Euterpe Edulis, nome científico do palmito, é que ele se reproduz pela relação sexuada e leva de 6 a 10 anos para ser colhido. Assim, se as árvores são retiradas, a espécie não tem como se reproduzir; foi o que aconteceu na zona da Mata Atlântica, vegetação que caracteriza o litoral dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

"Com a extinção do palmito do sul do país, as indústrias de transformação se voltaram para o palmito da Amazônia, que é de qualidade inferior, mas apresenta características favoráveis para o corte". Segundo Nodari, a espécie Euterpe Oleracea típica da Amazônia, cujo nome vulgar é Assai, apresenta vários filamentos numa planta só, que originam vários palmitos, embora mais finos que os da espécie sulina, que origina apenas um palmito por planta. A vantagem do Assai é que quando cortado, ele brota, e o palmito do sul não. "Dessa maneira, a espécie que é natural desta região, e onde o Vale do Itajaí apresenta o maior potencial, está se extinguindo por falta de incentivos e cuidados. Por isso nós voltamos para tal problema" explica Nodari.

Para a preservação natural da Mata Atlântica o projeto está procurando ajustar o reflorestamento do palmito junto com o de madeiras nobres, que também são típicas da região. "Para sanear o desequilíbrio ecológico causado pelo desmatamento da co-

bertura da Mata, o que provocou a rosagem dos solos declivosos, pretendemos reflorestar as áreas com palmáceas e madeiras nobres; como imbuia, canela-preta, canela-sassafras, e peroba, que são espécies associadas naturalmente". Para tal, irão selecionar as árvores genotipicamente superiores, desenvolver técnicas de conservação e vigor das sementes, determinar parâmetros para maior aproveitamento e identificar as práticas de manejo das associações.

O "Projeto Nativas Florestais" está recebendo financiamento da FIPEC que é uma agência financiadora do Banco do Brasil, e que reconheceu a importância do investimento, depois que o Paraguai deixou de produzir o palmito, e o Brasil tornou-se o único exportador mundial, principalmente para os seguintes países: França, Bélgica, EUA, Argentina e Luxemburgo.

"O cultivo do palmito através do manejo sustentado é uma possibilidade concreta de tornar econômica e ecologicamente viável a exploração de nossas matas, ao mesmo tempo que as preserva, permitindo a associação de essências de alta qualidade com ele" explica Nodari. E o projeto, além de tornar viável a exploração econômica das matas, irá introduzir no mercado novos produtos a serem consumidos pela população, como é o exemplo do patê de palmito, dos cremes, molhos, emulsões, papas e pastas. "Acredito no sucesso do nosso projeto" afirma esperançoso o professor Nodari.

# O ÚLTIMO ALAMBIQUE

VALENTINA DA SILVA NUNES

"Este engenho era do meu avô, e aqui trabalhavam muitos escravos, mesmo antes do meu pai nascer", afirma Francisco Tomás dos Santos, o Chico do Alambique, como é mais conhecido pelas pessoas que chegam ao seu sítio de 80 hectares, à procura da puríssima pinga que fabrica. Herdeiro das terras de seu pai, depois da morte de seus dois irmãos, seu Chico vive do que fabrica em seu engenho, situado no Sertão do Peri, entre as praias do Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha, em Florianópolis: farinha de mandioca no inverno e pinga o ano todo, além da venda dos porcos no Natal.

Atualmente com 52 anos, ele afirma: "Aqui nasci e fui criado, neste mesmo barracão, sempre trabalhando na roça e no engenho, e se um dia tiver de vender tudo, não sei pra onde vou". Solteiro e sem filhos, vive há 26 anos apenas com uma preta senhora, a sinhã Alaide, que ali chegou para auxiliar sua mãe, e terminou ficando mesmo depois de sua morte. Os dois vivem no centenário barracão, que foi edificado pelos escravos de seu avô, e que além de engenho, serve de abrigo para gatos, cachorros, galinhas e terneiros. Não há luz elétrica, nem água encanada e, no entanto, pagam imposto ao Incra há muitos anos.

"Antigamente, na época do meu avô e do meu pai, esta terra era terra de riquezas. Hoje é tudo diferente, o clima mudou, não

da mais pra nada" desabafa entristecido. "E ninguém quer trabalhar" acrescenta a valente e heptagenária sinhã Alaide. "Mas se os cupins, as formigas e os passarinhos trabalham, a gente tem que trabalhar também" diz seu Chico referindo-se à árdua tarefa que executam; todos os dias, das 4:30 da manhã às 23:00 horas: alimentar os sete porcos, as dez galinhas, os oito bois e vacas, o cavalo, além de cortar a cana, arar a terra, plantar novas sementes e moer a cana para o preparo da pinga, diariamente procurada por seus fregueses.

"Estas terras já alimentaram muita gente, e no tempo do meu avô o engenho fabricava açúcar também. Só que morava muita gente aqui, muitos escravos e escravas, gente forte e corajosa" relembra seu Chico, e se perde nas histórias de seu pai: "Eles trabalhavam acorrentados pelos pés para não fugirem, e havia um que era tão forte, que uma vez arrebitou as correntes e foram encontrá-lo lá pelas bandas da Lagoa do Peri". E enquanto vai contando, sinhã Alaide vai servindo o almoço: feijão preto com farinha e peixe frito. Tudo o que comem vem da lavoura, raras vezes compram algo na cidade, e o peixe trocam por seus produtos no Ribeirão da Ilha. "Plantamos cana, feijão, milho, mandioca e batata; tomamos caldo-de-cana; e pinga, só quando chove e a gente se molha, pra não ficar doente". E doença é um perigo para

eles, pois se encontram a muitos quilômetros de qualquer assistência médica. "A saúde e a melhor coisa que existe, mas quando a gente vai ficando velho e doente e não serve mais pra nada, aí não dá mais, é melhor morrer. Mas que eu gosto da vida, eu gosto" fala e ri seu Chico, mostrando o único dente da boca.

Isolados da civilização, parecem ter parado no tempo, a não ser pelo único meio que os liga à atualidade dos fatos: o rádio de pilhas que possuem. E é através dele que ficam sabendo dos acontecimentos do mundo, como a questão da preservação da Lagoa do Peri, que os deixa bastante irritados. "A Fatma veio dizendo que por causa do Parque do Peri a gente não vai mais poder plantar. Não pode mais desmatar, mas se a gente desmata é porque vamos plantar" e tocando nesse assunto seu Chico se exalta: "Veio o doutor da Fatma com todo seu conhecimento, proibindo a plantação, aí eu falei pra ele que quem alimentava o povo eram os agricultores, e não como ele estava acostumado, como se diz a moda, a encher a barriga na sombra". Mostrando os calos das mãos e orgulhando-se disso acrescenta: "Porque Deus deu a terra para plantar, e o único céu que existe, é o céu da boca, que precisa ser alimentada, e nós trabalhadores do campo, é que alimentamos ele".

Mas, apesar das dificuldades que enfrentam e da carência em que vivem, os dois

parecem se orgulhar da vida que levam: "Cada homem tem seu conhecimento, eu não sei ler, nem dirigir carro, mas sei da roça, dos animais, sei fazer pinga e farinha de mandioca". Bastante paciente, parece ter prazer em ensinar seus conhecimentos: "A noite o boi mói a cana, o caldo escorre para um tonel, que vai dar na caldeira. Pondo fogo no forno, a garapa evapora, sai por um cano, que passa por dentro d'água para esfriar, e se transforma em pinga, que cai direto no barril". Tudo é muito velho, as madeiras e os barris, e segundo seu Chico, é isso que faz a pinga ser mais suave: "Quanto mais velha a pinga, mais gostosa".

Da vida, um único lamento, não ter se casado nem ter tido filhos para transmitir seus conhecimentos. "As raparigas não querem morar aqui, muito longe, muito trabalho". E assim, os anos vão se passando para seu Chico e sinhã Alaide, sempre trabalhando e alimentando muita gente, no centenário engenho, em que a principal diversão é assistir a brincadeira de dois filhotes domésticos: um gatinho e um cachorrinho, que se perseguem e se encontram, miando e latindo. "Veja só, moça, o que faz o amor, os animais sabem disso, o melhor de tudo é a amizade, por isso que meus bichos me atendem, eu dou carinho para eles" e pedindo desculpas, se retira para cortar cana, porque a reporter levou um dos últimos garrafoes de pinga.

## Derrubada da centenária igreja do Pântano do Sul não foi esquecida

Foto Valentina da-Silva Nunes

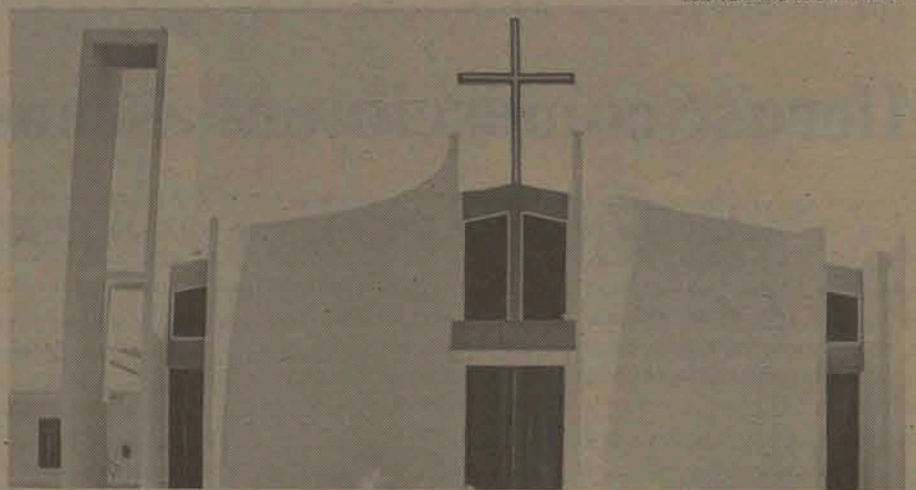


A antiga, construída em 1884, demolida cem anos depois

água abaixo. Uma discussão entre dois professores e a diretoria da escola propiciou a usurpação da Presidência do Conselho Comunitário por oportunistas com interesses políticos.

"Roubaram-nos a idéia do Conselho Comunitário, sua presidência, e alteraram seu estatuto que previa um presidente nativo e que residisse no local, o que não é o caso do senhor Oswani Silva. Na minha opinião esse novo Conselho já é fraudulento desde o início" desabafa Niveo Santos, que viu seu projeto cultural desabar junto à antiga igreja.

"O Conselho Comunitário, sob a presidência do Oswani Silva, alegou que iria apenas reformar a igreja, mas de repente, num domingo, fizeram-na ruir" acrescenta Amarildo Monteiro. Segundo opiniões dos pescadores, suas esposas e outros habitantes do local, a antiga



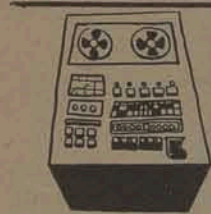
A nova, ainda não inaugurada

igreja era pequena, chovia dentro e não garantia seguras condições para a realização das cerimônias religiosas. "Eu acho que se chovia dentro era melhor que tivessem trocado as telhas. Ela começou a ser construída em 1884 e em dezembro último faria 100 anos" acrescenta Regina Capistrano se opondo à opinião de seu pai, Alípio Capistrano, que é o colaborador do padre na celebração do culto religioso. "A igreja era velha e pequena, tinha cupim, não abrigava toda a população e não proporcionava boas condições para a celebração das missas, então, resolvemos derrubá-la antes que completasse 100 anos, pois senão seria transformada em patrimônio histórico" declara indiferente Alípio Capistrano. "Nós consultamos a população, e só a pequena juventude não quis a demolição", onde sua própria filha é um exemplo.

Para a construção da nova igreja, o Conselho Comunitário distribuiu entre os moradores alguns carnês, através dos quais eles contribuíram com o equivalente a 1% de suas rendas mensais. "Recebemos também verba da Alemanha; mais ou menos 7 milhões de cruzeiros,

e do governo do Estado a quantia de 3 milhões de cruzeiros". Mas não faltam acusações de desvio das verbas para benefícios pessoais. "Construíram uma nova igreja somente para estorquir grama", o atual presidente do Conselho Comunitário tentou, com a construção da nova igreja, fazer o seu nome para conseguir votos para ser Vereador" afirmam os mais jovens e revoltados.

Por outro lado, há os que estão contentes com a nova igreja: "Que tradição que nada, o importante é a igreja ser maior e mais bonita". "A nova igreja terá dois crucifixos de dois metros e dois altares laterais; e agora, no início de abril, será inaugurada. Estamos contando com a presença do ilustre Governador Esperidião Amin". E em meio a tantas declarações otimistas teve gente que chorou: "Quando vi a igreja resistindo aos duros golpes da máquina demolidora, meus olhos encheram-se de lágrimas; mas depois de tantos golpes as pedras foram cedendo, e começaram a cair; e junto com elas os meus sonhos e esforço" desabafa arrasado e desesperançoso Niveo Santos. "Destruíram-me junto com a centenária igreja".



# Santa Catarina tem pouca participação na indústria das novas tecnologias

MEIRI COLETTI

“Estados Unidos e Japão são os únicos lugares do mundo onde se pode ver o que vai acontecer. O futuro”. A afirmação do cineasta Wim Wenders sintetiza o pensamento de centena de milhares de pessoas. Wenders ganhou o Festival de Cannes de 84, com “Paris-Texas”, e apesar de ser alemão, fez os seus últimos filmes nos Estados Unidos. Para ele, é ver como será a Europa daqui a alguns anos. Hoje, o norte-americano e o japonês entram em contato com as novas tecnologias, no dia-a-dia, mais de duas mil vezes. Índice que no Brasil, o país do Terceiro Mundo mais informatizado, atinge a média de 50 a 60 vezes.

O Brasil, aliás, conhecido internacionalmente pela sua dívida de mais de US\$ 100 bilhões, carnaval e futebol, agora investe de ponta cabeça na microeletrônica. O Governo Tancredo Neves inaugurará o Ministério de Ciência e Tecnologia, o qual abarcará a Secretaria Especial de Informática (SEI). E o futuro que começa: mas um

futuro que, ao que tudo indica, promete ser promissor apenas para as classes A, B e C. Isto porque o futuro tem um preço: o preço dos equipamentos eletrônicos, reajustados, hoje no Brasil, conforme as Ordens Reajustáveis do Cruzeiro Nacional (ORTNs).

## Plena Ascensão

Somente no ano passado, a indústria de informática faturou Cr\$ 1,4 trilhão. Desde 1977, quando as primeiras oficinas de fundo de quintal começaram a mostrar seus produtos, até o final de 84, em que o parque instalado chegou a 155 fábricas, já havia sido vendido quase 200.000 aparelhos — um crescimento recorde de 10.000%. Hoje, segundo a Revista “Veja” da segunda semana de novembro/84, um brasileiro compra o seu micro a cada cinco minutos.

Mas os ventos da nova indústria ainda não atingiram Santa Catarina, enquanto que os estados fronteiriços, Rio Grande do Sul e Paraná, contribuem significativa-

mente para este novo filão comercial.

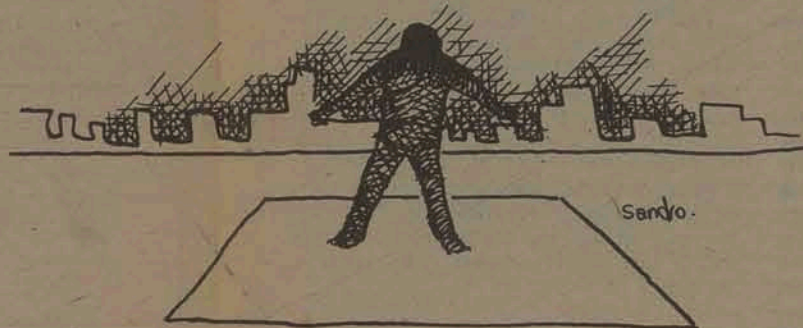
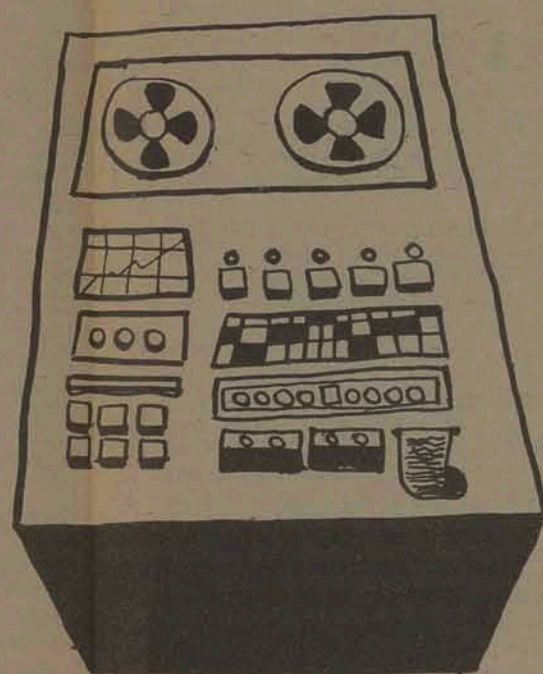
De acordo com Otávio Ferrari Filho, presidente da Sociedade de Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários (SUCESU/SC) e diretor de Informática da Prodasc, os empresários catarinenses não introduziram a produção de equipamentos eletrônicos e microcomputadores em sua indústria por temerem as agruras econômicas. Outro dado é a solidez da indústria barriga verde, a quinta economia do País, baseado nos setores têxtil, alimentar e de equipamentos pesados. Os empresários, pondera Ferrari, “estão acostumados com estes ramos tradicionais e não queriam correr o risco de investir em novas tecnologias sem saber se daria certo”. Porém, acredita ele, a aprovação da Lei de Reserva na Área de Informática para o Brasil, a constituição do Centro de Estudos Regionais de Tecnologia (CERTI), e o inevitável avanço das tecnologias de ponta na sociedade brasileira, vão estimular os empresários catarinenses.

## A primeira microindústria catarinense fatura bem

Os engenheiros elétricos José Faraco e Marcos Nogueira, 30 anos ambos, são os proprietários da primeira empresa de microeletrônica de Santa Catarina: a Dígito Sistemas Eletrônicos Ltda, 25 funcionários, que encerrou 84 com o considerável faturamento de 300 milhões.

Naturais de Florianópolis e egressos do curso de Engenharia Elétrica da UFSC, Faraco diretor de Produção da Dígito, e Nogueira, diretor Técnico, dividem os seus tempos, de manhã para a Empresa, e à tarde, Faraco trabalha na Prodasc e Nogueira na Telesc. Foi a partir da assimilação das novas tecnologias por estas empresas, após 74, inclusive com a criação da Prodasc neste ano, e a aplicação dos serviços de processamento de dados na administração direta, que a Dígito nasceu. A Telesc pretendia automatizar o sistema despertador por telefone. Nogueira tinha conhecimentos na difusão de microcircuitos para microondas (objeto de sua tese de mestrado na Unicampi) e Faraco conhecimentos em teleprocessamento, área de sua ocupação na Prodasc.

Assim, no final de 82, a Telesc estreou o protótipo do Sistema Despertador e Agenda Teleprogramável (SIDATA), no País. Foram nove meses de gestão para desenvolver o microprocessador responsável pelo Sidata, e hoje a Telesc opera com cinco deles. No decorrer de 83/84, a Dígito instalou dois SIDATA, para a Telebrasil, um para a Telma, no Maranhão e dois para a Telepar, no Paraná. Este ano prevê-se a instalação no CRT, do Rio Grande do Sul, Telemig, de Minas Gerais, telegoias, de Goiás, Telesp, de São Paulo, Telerg, do Rio de Janeiro, CTBB, do ABC paulista e no Paraguai.



## Informática cria uma massa de desempregados

Mais empregos ou desemprego? Que consequências tem, afinal, a crescente penetração da automação em nosso cotidiano produtivo? Para Célio Espindola, professor da Economia e integrante do Núcleo de Política Científica e Tecnológica da UFSC, a introdução das novas tecnologias na produção desqualifica uma grande massa e recria um setor especializado que concentra um pequeno número de trabalhadores. Assim, enquanto se cria empregos e se desemprega, o resultado em termos líquidos seria negativo: uma desqualificação e um desemprego crescentes.

Desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Consequências da revolução tecnológica sobre o emprego”, Célio Espindola distingue três fases na problemática dos efeitos da automação sobre o trabalho. Numa primeira fase, há criação de novos empregos ultrapassando as perdas iniciais. Ou seja, as inovações

tecnológicas causam uma carência de mão-de-obra especializada que, para ser suprida, exige novos profissionais. Numa segunda fase, porém, o desemprego tecnológico já tende a ultrapassar a criação de novos empregos, e numa terceira fase, os próprios empregos criados pela microeletrônica tenderiam a desaparecer. Santa Catarina estaria, junto a maior parte do país, caminhando dentro da primeira fase.

Num país como o Brasil cujo mercado de trabalho já se encontra abalado pela recessão, todas estas transformações assustam. Se a necessidade de operadores e analistas pode apertar um crescimento do número de empregos, a aplicação intensiva da microeletrônica pode representar um grande perigo. E não apenas como causa de desemprego, mas também de mudanças profundas na organização do trabalho e na atuação do trabalhador.

## O monopólio da Prodasc em questão

O crescimento dos sistemas de processamento de dados das empresas estatais, em 84, veio acompanhado de uma crise interna. A empresa de Processamento de Dados (Prodasc) pode perder o seu monopólio de dez anos sobre o mercado estatal. No primeiro dia de novembro do ano passado, o Besc desligou-se da Prodasc, e até o final do ano, conforme o Plano Diretor de Informática do Governo, a Celesc envereda o mesmo caminho. Juntos, Besc e Celesc, representavam 70% da receita anual da Prodasc.

Mas, que o Besc e a Celesc saiam, tudo bem. O problema são as inusitadas tentativas da Secretaria da Fazenda para desligar-se da Prodasc. A crise teve início há dois anos, quando os técnicos da Fazenda constataram que estavam muito atrasados em termos de sistemas de processamento de dados (até então só se trabalhava com sistemas “batch”, considerado já na época superado pelos sistemas “off-line” e “on-line”), e resolveu-se criar novos sistemas, em “on-line”, em conjunto com os técnicos da Prodasc. Nem dois meses depois, os técnicos brigaram entre si, e os da Prodasc se retiraram.

Hoje, no seu relatório, Hélio Villas Boas, diretor de Sistemas da Secretaria e oficial de reserva do Exército (visto por muitos como o comandante da crise), regozija-se: “Em menos de um ano já se dispunha de um sistema integrado de acesso “on-line” a todas informações relativas a cadastros de contribuintes do ICM e

arrecadação estadual, ultrapassando substancialmente tudo o que fora realizado desde a criação da Prodasc”. Incisivo, atrai suas farpas mais longe: “A Prodasc não consegue desenvolver nada porque não sente a necessidade do usuário (empresa para a qual presta serviços)”. Entende que o processamento de dados “não é um bicho de sete cabeças” para continuar sob o monopólio de uma única empresa. “Os técnicos internos às secretarias e empresas podem perfeitamente desenvolver. Só nós conhecemos as nossas necessidades”.

## BOCA PEQUENA

Agora a batalha de Villas Boas é ter a aprovação do Besc para a manutenção dos dados da Fazenda no computador Bourroghs do Banco, instalado ainda na Prodasc, mas que este ano será transferido para a Co-desc. O remanejamento dos dados para o computador IBM, da Prodasc, de acordo com Villas Boas, demanda um custo de Cr\$ 1 bilhão. Porém, Paulo Mendonça, chefe de Informática do Besc, considera “inviável a manutenção dos dados da Fazenda no Bourroghs. Entende que se a Secretaria estruturar sua própria CPD (Central de Processamento de Dados), todo o sistema Prodasc estará desarticulado. “A Fazenda tem de ser o maior usuário da Empresa. Depois, a saída criaria um precedente perigoso: todos os outros iriam querer sair também, e daí como ficaria a Prodasc?”.

Outra voz, de importância, e unis-

sona a de Villas Boas. Wilson Jose Marcinku, chefe do departamento de Processamento de Dados da Celesc defende a independência da informação. Leva em conta que a Prodasc atende 55 usuários e não consegue dar um serviço “personalizado” para nenhum. “Diz a boca pequena que se a Fazenda se desvinculasse, a arrecadação do ICM seria bem mais eficiente”, agulha Marcinku. Com efeito, o pensamento de Marcinku é sintonizado com a política de informação da Empresa. A Celesc foi a única a não acreditar na Prodasc durante este dez anos. Mantendo o corpo técnico e formou, dentro da Empresa, especialista em linguagem Cobol e PL-1, além de todo o setor de produção de dados em engenharia ter se desenvolvido sem a interferência da Prodasc.

Otávio Ferrari, diretor de Informática da Prodasc, considera natural a saída do Besc e, logo mais, da Celesc. “São empresas grandes de muito serviço e crescimento acelerado”. Até porque Besc e Celesc têm os seus próprios computadores de grande porte. Mas não vê com bons olhos a desarticulação exigida pela Fazenda: “Se os órgãos da administração direta se desvincularem da Prodasc, o Governo não terá um banco de dados: e foi essa a finalidade de criação da Prodasc”, afirma. De outro lado, Ferrari prevê significativo aumento da qualidade dos serviços prestados pela Prodasc aos usuários. “O Besc absorvia 40% dos serviços. Com a saída, poderemos distribuir entre os outros”.

## Projeto de formanda em jornalismo desmascara a política de informática

Constatando que a imprensa “teve um papel fundamental na propagação da política nacional de informática”, no ano de 84, a formanda de Jornalismo, Maria Lúcia Santos, em seu projeto final de curso, identificou diversas incoerências e contradições no trato dado à questão. “Não houve seriedade”, afirmou.

Maria Lúcia, sob a orientação do professor Orlando Tombosi, pesquisou livros, jornais e revistas especializadas no assunto, analisando as declarações dos políticos, empresários e profissionais do setor. Concluiu que o nacionalismo presente nas declarações contradiz a realidade. Exemplo disto é a lei dos superminis computadores: no início de 84, a Secretaria Especial de Informática (SEI) lançou um edital autorizando as empresas interessadas a produzirem superminis. Não deixou claro, porém, a procedência que deveria ter a tecnologia. Só no final do ano, quando os grupos Bradesco, Itau e Doca dos Santos haviam apresentado os seus projetos, a SEI limitou o uso de tec-

nologia nacional na construção dos computadores. Mas, em função da pressão dos grupos, a SEI acabou por permitir a importação de tecnologia.

“Se a SEI tivesse realmente uma política nacional de informática, desde o princípio teria anunciado reserva de mercado nacional para a produção dos superminis”, conclui a formanda. Além disto, Maria Lúcia destacou o aspecto “pseudo-democrático” que norteou a elaboração da Lei Nacional de Informática. Todo o empresariado brasileiro foi convocado para opinar, mas os vetos do Presidente Figueiredo atingiram pontos fundamentais para o empresariado. Como, por exemplo, o veto ao fundo de pesquisa para a informática.

A situação do País na produção eletrônica, segundo Maria Lúcia, reflete a nossa formação econômica periférica. O Brasil vem desenvolvendo, exclusivamente, equipamentos de ponta (Hardware), hoje com possibilidades de competição no mercado internacional. Porém na área de pro-

gramas (software) a produção é nula: dependemos quase que totalmente de programas norte-americanos (IBM, Apple). A França, que encontra-se numa situação semelhante a do Brasil, está procurando voltar a sua produção eletrônica para a área de programas, item ao qual o Governo brasileiro não deu a necessária relevância.

Um exemplo da indiferença com que o Governo trata a questão é o fato de não dar incentivo aos cursos superiores de informática. A Universidade — diz Maria Lúcia — se encontra completamente alheia ao processo, ao invés de formar profissionais, nos diversos cursos, capacitados nesta área e gerar conhecimentos novos à indústria. Maria Lúcia pretende editar um livro sobre o seu projeto, cujo título, ainda em exame, é “A Política Nacional de Informática através da Imprensa”. Por enquanto, seu trabalho está à disposição para consultas na Hemeroteca do Curso de Jornalismo.



# Menores abandonados

SUELY REGINA AGUIAR

Cresce a cada dia o número de menores abandonados nas ruas de Florianópolis. Cerca de 30 menores são recolhidos, semanalmente, das ruas da Capital em blitz realizadas pela Delegacia de Menores.

A Fundação Catarinense do Bem Estar do Menor, Fucabem, segundo seu Coordenador Geral, não é suficiente para abrigar todas as crianças que se encontram no abandono, sem perspectivas de uma vida melhor.

Alexandre, um garoto de sete anos, filho de mãe cardíaca sem condições para o trabalho remunerado e pai que ganha o salário mínimo, é um dos garotos que perambulava pelo centro da cidade, durante a noite, à procura de algum trocado "para o leite dos irmãos pequenos". Segundo ele e outro irmão de dez anos, a mãe estipulou uma quantia a qual cada um tem de levar para casa até a meia-noite. Para Pedro, outro garoto que se encontra em situação semelhante a de Alexandre, a esperança "é o Exército". Ele mora no Morro do Céu, próximo a Avenida Mauro Ramos e tem mais oito irmãos. Um de seus irmãos, também menor, sumiu de casa há mais de quatro anos e até hoje não conseguiram encontrá-lo. Pedro quer terminar o primeiro grau, que cursa numa escola pública localizada no Morro, e tentar a carreira militar. "Para isso sou obrigado a comer bem, se não eles não deixam eu entrar no Exército", afirma. Ele costuma ficar nas portas das lanchonetes ou bares, pedindo para alguma pessoa que lhe pague algo para comer.

## ABRIGOS

O Centro Educacional Terapêutico, CET, pertencente à Fucabem, está localizado às margens da BR-101, no Bairro de Barreiros. O prédio do CET é ladeado por altos muros caiados em branco. Os portões tam-



Semanalmente dezenas de menores são recolhidos das ruas da Capital

bém são altos, todos de ferro e com cadeados. Na frente do portão principal tem um guarda que somente com a autorização do Coordenador da Obra deixa entrar quem deseja visitar aquelas instalações.

Neste Centro estão internos 50 menores, entre os quais 20 são do sexo feminino e 30 do sexo masculino. Segundo o Coordenador sua obra se destina a casos de internação de menores intermediários, isto é, menores com relativo índice de periculosidade". A procura é sempre maior do que a capacidade da Obra, explica.

Trabalham no CET: médico, dentista, pedagogo, assistente social, psicólogo e monitores.

Os internos têm de obedecer a uma rígida disciplina e existem punições para aqueles que não obedecem as regras. Entre essas punições estão o corte de passeios nos fins de semana e três dias trancados dentro do quarto.

As fugas desta Obra são constantes, diz o Coordenador. "Menores na faixa de 14 a 18 anos, principalmente as meninas, quando fogem daqui se metem em prostituição, afirma. Os meninos quando fogem costumam se envolver em casos de furto ou drogas, continua.

A maioria desses menores são oriundos de famílias muito pobres e muitos deles não conhecem sequer os pais; são geralmente filhos de pais separados.

Há no CET menores que de alguma forma se envolveram em caso de homicídio, como o de um menor que presenciou um assassinato cujos autores eram seu irmão mais velho e o próprio pai. O pai e o irmão foram para a cadeia e a mãe abandonou a família. Ele e sua irmã estão na Obra.

A educação no CET não é formal e cada menor se submete a um "tratamento" que, em outras palavras, significa reeducação ou reintegração na sociedade. Lembra o Coordenador que em outras obras da Fucabem, os menores sem problemas judiciais possuem escolarização e que se preocupa, pois no CET os menores, depois da reeducação, enfrentam o mercado de trabalho sem nenhum preparo.

O Centro Educacional São Lucas, outra obra da Fundação, está separado do CET apenas por um muro, com um portão de ferro. As instalações ficam numa extensa área com gramado, circundadas por um alto muro e tendo verdadeiros cubículos como quartos. No São Lucas existem 12 monitores que se revezam 24 horas por dia

por medida de segurança.

Segundo o psicólogo da Obra, o tratamento dos menores é acompanhado na base do reforço negativo e positivo. O tratamento é belheviorista. O psicólogo afirma ainda que a Obra extrapolou, pois o ideal seriam 25 internos e existem 33, sendo que todos são do sexo masculino. Desse total, em torno de 27 completaram precariamente a 4.ª série do primeiro grau. Dez deles eram completamente analfabetos.

O professor diz que os garotos não querem saber de nada, só se interessam pelas aulas até aprenderem a ler. Depois disso não manifestam mais nenhum interesse. "Eles dizem para que aprender se eu sei que o meu destino é a cadeia?", afirma o professor.

É bastante difícil o trabalho de recuperação de São Lucas e 50% dos casos são por problemas de furto. Alguns casos de recuperação podem durar meses, outros levam até dois anos. Neste meio tempo muitos fogem e acabam causando novos delitos e outros não retornam mais.

Em um ano e meio de funcionamento da Delegacia de Menores, já foram instaurados mais de 70 processos contra menores na faixa de 14 a 18 anos. Abaixo dessa faixa o menor não responde processo. O envolvimento desses menores com drogas e furtos é bastante acentuado, sem contar o envolvimento das meninas em prostituição.

Para Doutora Lucia Maia Stenfanovich, este menor antes de nascer já está condenado a morrer, a passar fome, a ser maltratado e explorado". Ela afirma que não basta recolher e trancar o menor em obras fechadas, mas a sociedade é omissa e não quer tomar conhecimento do problema". Para ela, o que o menor precisa é de um lar, de uma família "pois nada substitui um lar. Na verdade tudo isso é fruto dos contrastes sociais que imperam neste país verde e amarelo."

# Polícia Militar Feminina

MARISE ORTIGA

As mulheres da nossa Polícia Militar já passaram por alguns momentos embaraçosos como os casos de início de parto dentro de uma viatura. "Casos desta natureza já estavam previstos, por isso foi escolhida a caminhonete da Fiat para as rondas da Polícia Feminina, disse o Major Santiago, supervisor da PF. Outra situação bastante curiosa aconteceu no aeroporto Hercílio Luz. Encontrava-se em um orelhão, do local, um homem embriagado falando diversos palavrões. A sargento aproximou-se e chamou-lhe a atenção, dizendo que aquele era um lugar público e que ele não deveria comportar-se daquela maneira. O bêbado olhou-a de cima a baixo e disse, "tu és uma figura decorativa aqui, qual é a tua querendo me chamar a atenção". A sargento, então, esperou o clima melhorar, deixou que ele terminasse seu telefonema, e assim deu ordem de prisão, devido o desacato à autoridade.

Há atualmente em função 61 sargentos. Estas através de rodízios fazem rondas pelo centro da cidade, Terminal Rita Maria, aeroporto e também atuam no trânsito desde dezembro do ano passado.

Para a sargento Leonice a vontade de ser militar vem desde a infância. "Esperava que a vida militar fosse mais cheia de ação, mais ativa", declarou Leonice. Continuou dizendo que "somente convivendo com as ocorrências dá para sentir-se policial". Tanto para ela como para Fidélia, Cecília e Nilsa a notícia de ingressar na vida policial não foi no começo aceita pelos pais. "Fiz a inscrição sem contar para ninguém, um dia antes de partir para Florianópolis, foi que falei para meu pai" contou Nilsa. Para ela a vontade de ser militar vem desde muito nova. "Tinha vontade de servir na aeronáutica, mas como surgiu a PF resolvi ingressar e estou gostando muito,

declarou Nilsa. Já Fidélia contou ter sido sempre muito independente, mas nem por isso contou de imediato aos pais sua decisão. "Somente na noite anterior à partida, pedi para minha mãe ajudar-me a fazer as malas, pois iria para Florianópolis, ser militar. Meu pai olhou para minha mãe como quem vai dizer não, porém logo senti que era esta a minha vontade e a partir daquele momento me apoia até hoje", contou Fidélia.

As sargentos disseram que ainda chamam muita atenção. "Não é tanto como antes", comentou Cecília. Fidélia falou que, "nos primeiros dias que saímos às ruas recebemos muitos elogios, referentes principalmente ao uniforme. Até hoje as críticas perdendo para os elogios".

Conforme Major Santiago, "Não há discriminação em nada, no sentido homem-mulher, na Polícia. Os salários são iguais e as funções também". Segundo ele, "deveria haver discriminação, pois as ginásticas são específicas para os homens, visam o desenvolvimento muscular e o homem não sente cólica menstrual. Para a mulher deveria ser ginástica rítmica, balé, qualquer coisa deste gênero, explicou Santiago. Disse que já está havendo um estudo para uma reestruturação.

Para Santiago o fato da maioria das mulheres policiais serem do interior tem seu lado positivo e negativo. As que vem do interior tem maior dificuldade em dar informações sobre a Ilha, devido à falta de conhecimentos da cidade, este é o

fator negativo. Já a integração que há do Estado tem seu lado positivo. Segundo ele, "estes quase dois anos de atuação da PF, só dignificaram nossa corporação".

Criada no dia dez de fevereiro de 1983, a Polícia Militar Feminina tem como missão específica proteção, segurança e cuidados com menores, senhoras e anciões. Não a ação policial nem ostensiva. Seu trabalho teve início em 20 de junho de 1983, com apenas 31 alunas no curso para sargento.

## COMO INGRESSAR

Para integrar-se à Polícia Feminina, as candidatas devem ser solteiras, ter no máximo 23 anos e no mínimo 18. A altura deverá estar acima de um metro e sessenta centímetros. Para o curso de sargento e cabo a seleção é feita diretamente na Polícia Militar e é obrigatório o primeiro grau completo. Já o curso de oficiais exige a conclusão do segundo grau e a aprovação no vestibular, para a Escola de Oficiais da PM.

## DEPOIS DA APROVAÇÃO

Em atividade as militares devem conservar cabelos curtos e o uso da maquiagem, "em função de normas, boa aparência", afirmou Santiago.

Quando a candidata faz o curso para sargento, após passar, ela inicia como 3.º sargento, depois vai a 2.º, 1.º e estaciona em sub-tenente. Desejando alcançar outras graduações serão necessários outros cursos. Para ser cabo ela começará como soldado, faz testes e chega somente até cabo. Os critérios usados na promoção para sargento são por merecimento através da ficha de conceito, e por antiguidade, tempo de ocupação de posto. Caso as candidatas tenham todas o mesmo tempo no posto, então, o critério usado será o de desempenho, durante o curso. Estas escolhas são feitas pelo comandante da PM.



Sempre em dupla atuam nas rondas do centro da cidade

# Cuidado: tem ladrão na ponte ! Evite transitar sozinho à noite

CARLOS JUNG

A falta de segurança na Capital faz com que o número de vítimas dos agressores e assaltantes aumente dia-a-dia. Na passarela da Ponte Colombo Salles, onde não há policiamento, os assaltos ocorrem diariamente e a qualquer hora. Na tarde de segunda-feira, dia 17 de dezembro, por volta das 16 horas, quatro pessoas (dois menores) foram agredidos por quatro homens que, segundo a vítima, "estavam bêbados e dopados". Um dos agressores portava uma faca com a qual golpeou por várias vezes o braço direito de Aristides de Andrade, provocando sérios ferimentos.

Alguns dias antes do registro desse caso, um entregador do JSC foi espancado e assaltado, próximo ao terminal Rita Maria, também por quatro homens, enquanto fazia a entrega de jornais. O delegado Erasmo Rodrigues diz que os mesmos indivíduos podem ter praticado os dois delitos, pois há uma quadrilha que atua sempre naquela área.

Mesmo não sendo uma capital tão violenta, quanto São Paulo ou Rio de Janeiro, o número de crimes vem aumentando muito nos últimos meses e o policiamento é deficiente em toda a cidade, não oferecendo segurança à comunidade que já está neurótica com a onda de arrombamentos e assaltos que ocorrem diariamente.

## AGREDIDOS NA PONTE

Aristides de Andrade, de 19 anos, seu irmão Wilson, de 15 anos, um outro menor de 14 anos e, João Carlos Netto, de 22 anos, todos residentes em Coqueiros, no continente, seguiam para suas casas atravessando a passarela da ponte Colombo Salles, quando foram abordados por quatro homens que os seguiam desde o início do percurso. Segundo as vítimas, os agressores estavam bebendo cachaça e dizendo palavras.

Os agressores nada levaram, mas feriram Aristides no braço direito com golpes de faca. Após a briga os agressores fugiram, mas João Carlos conseguiu correr e avisar



Aristides e João: dois reclamantes

alguns policiais — que por acaso cuidavam do trânsito — que prenderam três elementos. O homem que esfaqueou Aristides conseguiu escapar.

Os três homens detidos foram conduzidos ao I Distrito Policial onde, após prestar depoimento, foram liberados. João Neto denunciou que "a polícia não tomou nenhuma providência porque não quis, pois eu disse a eles onde os marginais moram. Eles moram numa casa abandonada embaixo da ponte velha, em oito caras e uma guria. Eu segui os caras até lá", contou.

As vítimas reclamam da atuação da polícia, pois mesmo ocorrendo o flagrante não foi tomada nenhuma providência. "Eles apenas registraram ocorrência", diz Aristides. Eles reclamam, como tantas outras pessoas, de que "além de não garantirem nossa segurança eles não dão a menor importância quando um pobre coitado é assaltado. Nós temos esse direito, pois é com o nosso dinheiro que eles vivem. Com o dinheiro que nos pagamos os impostos", diz João Carlos.

Aristides denuncia ainda que foi muito mal atendido pelos policiais do IDP e que o delegado Erasmo Rodrigues negou-se a atendê-lo.

## A VERSÃO DA POLÍCIA

A ocorrência foi registrada no IDP, no BO número 39908. Segundo o delegado

"todas as providências foram tomadas e naquele dia o agressor foi procurado até as duas horas da madrugada, mas não o encontramos". Quanto aos três elementos detidos — explica Rodrigues — eles foram conduzidos ao DP como agressores, mas a própria vítima os reconheceu como testemunhas. Hermes Gonçalves, Valcir Branco e Jorge de Souza Mendes, as testemunhas, são andarilhos como as vítimas.

"Quanto ao fato de não tê-los recebido, apenas posso dizer que não os recebi porque não fui procurado e eles não pediram a nenhum policial para entrar em contato comigo. Se a vítima desejar, pode me procurar a qualquer momento que será atendida".

"Todas as providências que são tomadas em caso de agressão foram tomadas. A vítima foi encaminhada ao IML para fazer os exames e alguns policiais estão nas ruas tentando localizar o agressor. Mas, não temos pistas, pois o endereço que João Carlos nos indicou é furado".

## O PERIGO DA PONTE

O número de pessoas que já foram assaltadas e agredidas na passarela da ponte Colombo Salles é bastante alto; muitas vítimas nem sequer registram queixa na polícia, pois sabem que não serão tomadas providências.

A passarela da ponte é muito usada por

populares que muitas vezes se vêem obrigados a atravessá-la, principalmente quando perdem o último ônibus da meia-noite, além de pescadores que ficam no local durante a noite correndo o risco de serem pescados por pessoas que fazem da ponte seu meio de sustento.

Policiamento, tanto de dia quanto de noite, não existe. Segundo Aristides, no início da construção da terceira ponte havia sempre dois PMs percorrendo a passarela, mas já faz uns dois meses que só tem bandidos por lá", diz ele, João da Rosa, um senhor de 59 anos, que geralmente pesca na passarela da ponte, diz "que nunca vi nenhum policial por aqui", e as pessoas que se vêem forçadas a atravessar a ponte, andam como se estivessem sendo, perseguidas devido ao medo e à falta de segurança. "As autoridades deveriam fazer alguma coisa, isto é um perigo, ninguém tem tranquilidade de passar por aqui, até de dia claro eles assaltam", diz o pescador.

Além dos constantes assaltos, a falta de policiamento prejudica a conservação da passarela, principalmente no que diz respeito à iluminação, pois muitos passam por lá e quebram todas as lâmpadas. "Sendo a passarela da ponte um lugar tão bonito para a gente apreciar o mar e ver a paisagem, deveria ter mais segurança, pois aquilo poderia se tornar um local para turistas visitarem, mas quem tem coragem de ir lá?" pergunta dona Maria da Silva Hermann.



Aristides mostra o local da agressão

# Capital: mais de 70 carros roubados por mês

MARISE ORTIGA

Só na Capital mais de 70 carros são furtados por mês. Os veículos de maior preferência dos assaltantes são os Chevettes e os Volkswagens, "são carros mais fáceis de vender", afirmou Adilson Catchari, perito criminalista do Departamento de Operações e Investigações Criminais DOIC. "Ultimamente também está havendo um elevado número de roubos de Del Reys.

A hora mais escolhida pelos assaltantes é entre uma e seis horas da manhã. Porém, o horário comercial também é bastante usado pelos ladrões. "O pessoal de Florianópolis é muito pão-duro, prefere estacionar o carro na primeira vaga que encontra, ao invés, de deixar num estacionamento. Não sabe que enquanto está trabalhando alguém poderá estar levando seu carro", declarou Adilson. Falou ainda que, "na periferia ocorre mais furtos, pois não tem o mesmo esquema de policiamento que há no centro da cidade". Os arrombamentos feitos no centro, são na sua grande maioria realizados por pivetes, para roubar talões de cheques. Com os talanários nas mãos, eles fazem uma boa compra no supermercado, compram algo fácil de revender e vende o resto do talão.

"Há também os 'furtos de uso', o ladrão rouba o carro apenas para ir a um baile, uma festa, puxar um fumo, ou somente chamar a atenção das garotas", contou Adilson.

Este tipo de roubo dura geralmente uma noite, logo após o carro é abandonado. Já os veículos furtados para a comercialização são levados para fora da ilha. "Quando o furto visa a depenação



Chevettes e Volkswagens: os preferidos

do carro, esta é feita em estradas desertas, como Cacupé, Forquilha, ou o ladrão aluga uma casinha em qualquer canto e monta uma oficina, as chamadas oficinas de fundo de quintal", disse

Adilson. Contou ainda que, "ao procurarmos um veículo roubado não nos detemos especificamente

cada. E muito fácil para o ladrão pegar placas no ferro velho".

Os assaltantes preferem roubar carros lançados entre os anos de 79 e 83, "o automóvel tem que render dinheiro", falou Adilson. Os carros do ano dão mais mão de obra para o ladrão, tem que mudar o chassi, para dificultar o reconhecimento

Na ilha há oito distritos e onze subdistritos. Cada distrito tem cinco policiais e três viaturas, dos cinco, três fazem a ronda. Nos subdistritos há apenas uma viatura com dois policiais. Diariamente 40 policiais fazem rondas pela cidade. "Aqui no DOIC somos em 14, apenas um fica de plantão", declarou Adilson. Disse também que, "apesar do número de policiais nas ruas, ainda há defasagem, em relação ao número de assaltantes. São poucos os assaltantes, mas muito atuantes". Cada quadrilha tem seu local de roubo fixo. Esta divisão é feita por elas mesmas. Os assaltantes estão geralmente na faixa etária dos 25 aos 45 anos.

Assim como há ladrões especialmente em diferentes tipos de roubos, também existem polícias especializados em roubos específicos de joias, residências, carros, entre outros.

Para ser policial civil o candidato faz um curso de quatro meses na Academia de Polícia. A idade média dos policiais civis está em torno de 18 a 30 anos.

Para sua segurança

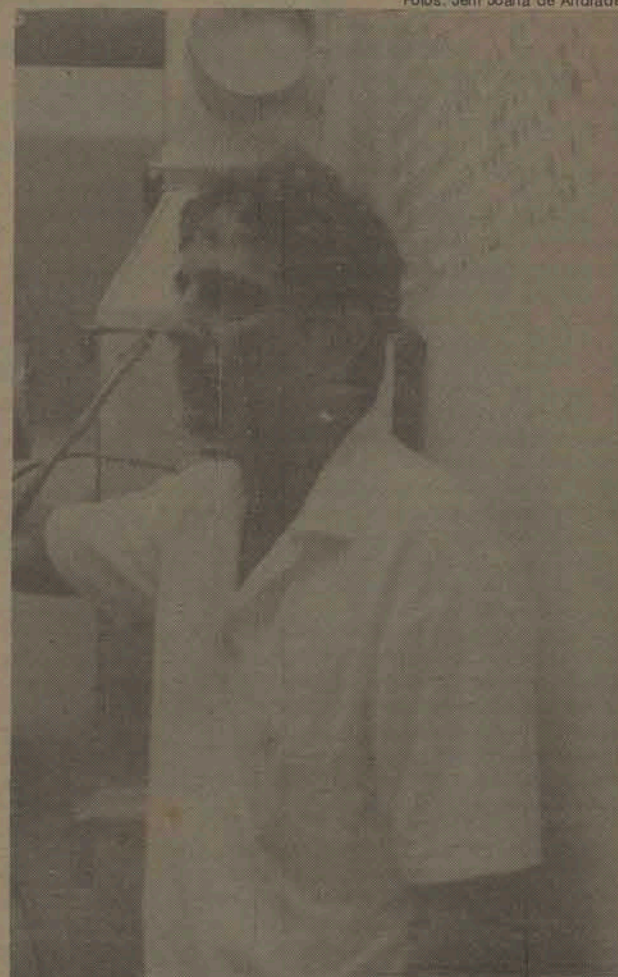
- 1 - Nunca deixe objeto, compras ou dinheiro à vista dentro do seu carro, guarde-os bem.
- 2 - Deixe seu carro sempre que possível em estacionamento. Se não puder, procure deixá-lo em locais iluminados e que não sejam isolados.
- 3 - Para sua maior segurança, dê preferência a hotéis, restaurantes, bares, e outros estabelecimentos com estacionamento privativo ou que tenham vigilantes.

# NOVIDADES NA ÁREA DA ENGENHARIA DE ALIMENTOS

Fotos: Jeni Joana de Andrade



Petrus, Ana e Torrano: "Deveria haver maior incentivo por parte da Universidade".



Celito: "A UFSC não se interessou pelo projeto"

## JENI JOANA DE ANDRADE

Duas grandes novidades surgem na área de alimentos da Universidade Federal de Santa Catarina. "Processo para Cura de Carnes" e "Recuperação por Ultrafiltração das Proteínas do Soro para Produção de Queijo" são projetos que estão sendo desenvolvidos. O primeiro destina-se a acelerar os processos de cura de carnes — como salames, copas e presuntos — e o segundo procura estudar uma forma de recuperação das proteínas do soro do leite, de modo que elas sejam incorporadas à massa de queijo com efetivo aumento de rendimento na produção, e com maior valor proteico no produto final. Nesse segundo processo, inclui-se a terceira novidade, cujo objetivo é o aproveitamento dessas proteínas em produtos derivados de carne.

### CURA DE CARNES

O primeiro projeto foi criado pelo professor Celito Detoni Jr., da disciplina de Tecnologia de Alimentos da UFSC. Segundo ele, "não houve interesse algum por parte da universidade em financiar o projeto; assim, procurei uma empresa particular, a Paver Industria Mecânica, que testou e financiou o equipamento". O apoio técnico foi dado pelo Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos e as pesquisas estão sendo feitas junto ao Restaurante Universitário, no Laboratório de Tecnologia de Carnes da UFSC que, segundo Celito, "é o mais bem equipado do país". O projeto foi aprovado em 16/10/84 pelo INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial), embora tenha sido elaborado no dia 25 de janeiro do mesmo ano.

Técnicamente, o processo caracteriza-se

por manter constante o nível entre a pressão do vapor d'água do produto que está sendo desidratado e a pressão de vapor do ar ambiente, acelerando o processo de cura. A rapidez do processo de desidratação permite a redução do tempo de cura e reduz o espaço necessário à industrialização. Economicamente, diz Celito, "haverá um abatimento do capital de giro em 66%". Com isso, o interesse das empresas cresce. O Frigorífico Prenda e a Cooperativa Batavo testaram o equipamento e constataram sua eficiência.

### RECUPERAÇÃO DAS PROTEÍNAS DO SORO DO LEITE

O segundo grande projeto vem sendo desenvolvido pela professora Ana Maria de Mattos Juliano, coordenadora do Curso de Engenharia de Alimentos da UFSC e pelos professores José Carlos Cunha Petrus e Ademir D. Machado Torrano, ambos também do Departamento de Engenharia de Alimentos da UFSC. Nesse projeto, como no anterior, não houve interesse ou vinculação financeira alguma com a universidade.

A aprovação técnica foi feita primeiramente pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias), mas a liberação dos recursos financeiros foi dada pela FIPEC (Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica) do Banco do Brasil, no dia 30/04/84, quando iniciaram-se os trabalhos, embora a pesquisa tenha sido elaborada em julho de 83.

Segundo a professora Ana, "iniciamos a busca deste assunto para pesquisa, porque a FATMA (Fundação de Amparo e Tecnologia do Meio Ambiente) estava pressionando as empresas a encontrarem uma so-

lução para a poluição causada pelo despejo do soro do leite nos rios, cuja taxa é altíssima (varia entre 25.000 a 120.000 DBO). Feitos os primeiros estudos, verificamos que o processo diminui consideravelmente essa taxa".

Tendo claro que o principal problema produtivo das indústrias de laticínios é não aproveitar o soro do leite ou aproveitá-lo mal, uma vez que esse é rico em proteínas, o projeto visa estudar uma forma de recuperação dessas proteínas, através da técnica de ultrafiltração por membranas, de baixo consumo de energia e de operação simples. Basicamente, este trabalho consistirá em produzir queijo nas condições convencionais para obtenção do soro. Esse soro sofrerá um tratamento térmico que, após resfriamento, será concentrado no ultrafiltro para separação das proteínas (concentrado) da lactose, sais minerais e água (permeado). O concentrado sofrerá outro tratamento térmico e acidificação para precipitação das proteínas e imediatamente será incorporado ao leite para fabricação de um novo queijo. Com isso, será obtido um maior rendimento (cerca de 20%) e um produto mais rico em proteínas.

Muitas empresas colocaram-se à disposição para colaborar com o trabalho, entre elas, a Copervale; que mostrou-se bastante interessada. Segundo a professora Ana, "essa é a primeira ideia do tipo que se realiza no Brasil".

A partir desse, surgirão dois outros projetos. O primeiro é o aproveitamento do permeado com o equipamento de osmose reversa, para obtenção da lactose, que po-

derá ser cristalizada, já que, hoje em dia, esse produto é importado pelas indústrias que o utilizam. O segundo trata de aproveitar o que sobra no equipamento da osmose reversa, que é água limpa, utilizada na indústria para alimentação de caldeiras ou mesmo para limpeza.

### APROVEITAMENTO DAS PROTEÍNAS DO SORO DO LEITE EM DERIVADOS DE CARNE

Com a obtenção do concentrado proteico por ultrafiltração, surgiu outro projeto na área de carnes: testar o uso das proteínas do soro como agentes que mantêm a gordura bem distribuída e estável e como agentes retentores de água. Com o reaproveitamento das proteínas, aumenta o rendimento e o valor nutritivo dos produtos.

Segundo o professor Petrus, orientador da pesquisa, aprovada pela UFSC, que concedeu uma bolsa de pro-reitoria de pesquisa e pós-graduação ao aluno Jean Carlo do curso de Engenharia de Alimentos para que esse iniciasse o projeto (embora os custos sejam divididos entre os pesquisadores e o curso), "aumenta consideravelmente o interesse pelo soro, que é jogado fora, servindo apenas como agente poluente, ou utilizado para ricota e alimentação animal. Seu uso é alternativo: quer em produtos cárnicos, na fabricação do queijo ou na obtenção da lactose".

Petrus lamenta profundamente a falta de incentivo financeiro por parte da Universidade aos projetos, já que a área de pesquisas com alimentos da UFSC é uma das mais atuantes no Brasil.

# Comportamento irregular no trânsito

Foto: Marco Cezar



## Detran aponta ruas perigosas sem estudar o problema

O I Distrito Policial, que tem sob sua jurisdição todo o centro da cidade, fez um levantamento e constatou que a avenida Jornalista Rubens de Arruda Ramos, ou avenida Biera-Mar Norte, é a mais perigosa da capital. Durante o ano passado ocorreram mais de 100 acidentes. Três com vítimas fatais. Walter Barcellos, subdiretor do DETRAN, culpa os motoristas. Ele diz que a sinalização semaforica e as placas indicativas estão em perfeitas condições. "Não digo que todos sejam irresponsáveis, mas a maioria é!", afirmou secamente.

O DETRAN — Departamento de Trânsito — não possui dados estatísticos ou quaisquer outros estudos sobre as ruas mais perigosas da Capital. Barcellos afirma que as avenidas Rio Branco, Jorge Lacerda, Mauro Ramos, Rubens de Arruda Ramos, Ivo Silveira, Lauro Linhares, Fulvio Aducci, Gaspar Dutra e Marinheiro Max Schramm são as vias mais perigosas, "pois nelas o volume de tráfego é maior".

Apesar de não possuir dados e informações sobre essas ruas, Barcellos acredita que os acidentes ocorrem por imprudência dos motoristas. "A pressa e a correria nos corredores — ruas — acarretam numa neurose no trânsito e causam muitos acidentes". Como o Detran tornou-se o órgão inteiramente burocrático e cuida somente do registro de veículos e do fornecimento de

cartas de habilitação, são os DPs da Capital que fazem o levantamento dos acidentes que acontecem na cidade.

Sobre trânsito o DETRAN sabe pouco, pois o seu trabalho resume-se na computação de multas e no registro de veículos e carteiras. Os guardas espalhados pelas ruas para orientar e garantir a segurança de pedestres e motoristas são policiais militares do IV e VII BPM e não recebem orientação sobre o trabalho que devem desenvolver. O que eles fazem é caminhar por vias públicas para multar os motoristas que estacionam em locais proibidos. Mas, para Barcellos, "a multa é a única forma de disciplinar o motorista. Fazemos isso para que ele não cometa duas vezes a mesma infração", explicou.

Nas ruas consideradas perigosas "não podemos fazer nada a curto prazo. Somente podemos punir os motoristas que não obedecem as Leis de Trânsito e se portam como irresponsáveis na direção. Não podemos fazer mais nada!", desabafou Barcellos, acreditando que a Escolinha de Trânsito venha solucionar o problema. Ela atende alunos de escolas de primeiro grau da cidade. "O projeto prepara os jovens para serem motoristas atentos e responsáveis. Com os motoristas do presente só com multa", persistindo na afirmação de que "se eles se comportarem com educação no trânsito não haverá mais nenhuma rua perigosa".

CARLOS JUNG

O DETRAN não possui nenhum estudo sobre o comportamento do pedestre no trânsito. As informações que o órgão possui sobre o assunto são baseadas em observações diárias vividas pelo Major Backs. Ele afirma que os pedestres, assim como os motoristas, estão completamente desinformados. Muitos não conhecem, sequer, os sinais e a legislação.

Poucos pedestres sabem que numa rua onde não há acostamento, nem calçadas, ele deve andar no sentido contrário ao dos veículos, pois agindo dessa maneira estará olhando de frente para os carros e poderá proteger-se melhor, evitando um possível acidente.

O Major Backs diz já ter levantado — no Detran — o problema da falta de comunicação, "pois o órgão deveria fazer maior uso da comunicação para esclarecer a comunidade sobre trânsito". Com essa afirmação percebe-se que grande parte dos problemas ocorre por falta de comunicação e esclarecimento, pois se uma grande campanha fosse desenvolvida muitos acidentes deixariam de acontecer.

### EDUCAÇÃO

O único trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Detran em termos de conscientização, esclarecimento e educação é a "Escolinha de Trânsito" instalada no aterro da Baía Sul desde 1980.

O trabalho desenvolvido pela Escolinha aplica-se somente às crianças. Ela atende todas as escolas de primeiro e segundo grau de Florianópolis, e tem como objetivo levar a criança a adquirir uma visão geral e crítica de trânsito das cidades. "Isso faz com que ela aprenda a importância da sinalização e das normas, o que é de relevada importância para sua própria segurança", diz Valéria Veroni de Pizzolati, uma das professoras.

A Escolinha funciona em suas próprias instalações e possui, além da sala de aula, uma biblioteca e uma filmoteca que contribuem para um melhor aprendizado. A área externa é composta de minipistas equipadas com sinalização, imitando uma cidade,

onde as crianças põem em prática o que aprenderam. Uma das principais preocupações dos professores no desenvolvimento deste trabalho é de conscientizar a criança de que não só os veículos fazem parte do trânsito, mas elas próprias. Uma das professoras diz que se houvesse uma conscientização geral nesse sentido, o comportamento do pedestre seria diferente do que é hoje, isto é, "muito melhor", ressalva ela.

### NOVO PROJETO: EDUCAR ADULTOS

Em maio deste ano — segundo Valéria Pizzolati — foi enviado ao Detran um projeto para que seja desenvolvido um trabalho de Educação para o Trânsito também com adultos. "A princípio seriam ministradas aulas sobre sinalização e leis, conscientizando as pessoas que pretendem tirar carteira de motorista, do perigo que é trafegar sem o menor respeito pelos outros e por si mesmo", explicou Valéria. Após algum tempo as aulas se estenderiam à comunidade em geral. Para as aulas seriam utilizados recursos como os manuais e o audiovisual, além de palestras.

Com isto motoristas e pedestres se conscientizariam que agindo de forma correta evitariam acidentes. Mas, muitas pessoas consideram que não basta somente uma grande campanha. Precisaria também uma conscientização sobre os altos índices de acidentes que ocorrem diariamente nas ruas da cidade e também do número de mortes. "Uma campanha desse tipo levaria as pessoas que agindo de forma incorreta podem ser as próprias vítimas da locura e da violência que é o trânsito da cidade", diz Suelly Motta.

Enquanto a comunidade não é educada e conscientizada sobre o assunto, o índice dos acidentes aumenta dia-a-dia e, motoristas e pedestres são culpados. Os primeiros, assim como os pedestres, por não respeitarem a sinalização e as normas de trânsito, além de que são eles próprios que determinam o limite de velocidade nas ruas da cidade.



# Pornografia : artigo para todas as classes e idades

STELLA MÂRIS G. DIAS BELO

Em Florianópolis o consumo de artigos pornográficos vem aumentando consideravelmente. E os números comprovam. Nas duas últimas semanas de novembro, foi apresentada uma média de oito filmes nos cinco cinemas que comumente apresentam fitas pornográficas: Jalisco, Ritz, Cine-Center, Coral e São José. Os títulos são os mais sugestivos possíveis: "Penetrações", "Gozo Alucinante", "Taras Sexuais em Família", "Senta no meu, que eu entro na tua", entre outros. E com as revistas acontece o mesmo. A distribuição mensal gira em torno de 800 exemplares, sem falar no verão que aumenta para mil e duzentas a mil e quatrocentas, como é o caso da Playboy.

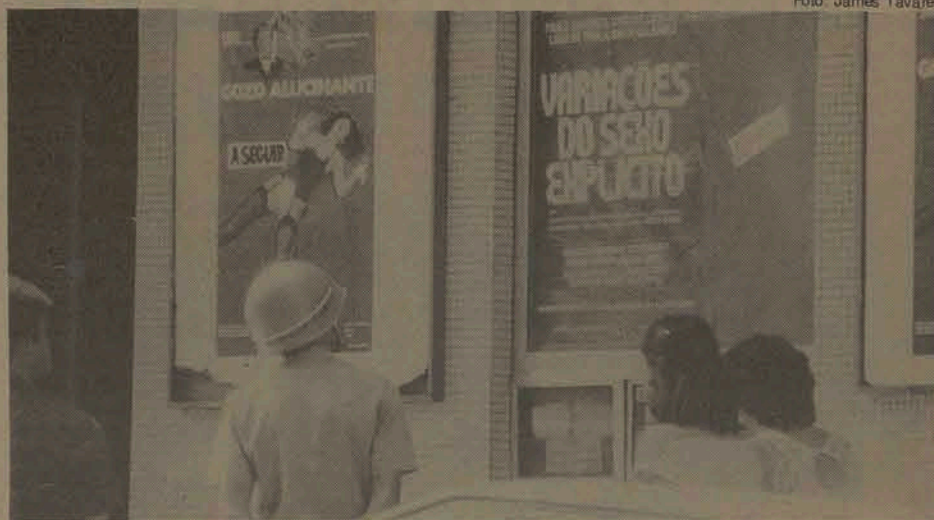
"É um problema da sociedade capitalista que a cria para o individualismo". Esta é a definição que a professora de Psicologia Geral e Evolutiva da UFSC, Miriam Alex, encontra para explicar a pornografia. Sendo um assunto que vem merecendo especial atenção, atualmente, não existe uma classe social determinada que consume toda comercialização pornográfica. Seu consumo vai desde uma criança que vê em qualquer horário de TV comerciais mais ousados até o adulto que recorre aos cinemas e às revistas.

Segundo Miriam "a pornografia foi criada para ser útil e produzida sem uma crítica". Ou seja, ser útil como qualquer produto comercial objetiva ser, e sem uma crítica por parte dos consumidores, porque esta vem ao encontro dos seus desejos de satisfação pessoal.

Miriam afirma que "em vez de se satisfazer com outras pessoas, o indivíduo usa a pornografia para se satisfazer". Por isso, sua criação para o individualismo, que o liberta de comentários externos. E aí surgem as lojas de artigos sexuais, os filmes e as revistas.

De acordo com a Psicanálise a criança começa de uma "relação objetal" e, no seio da própria mãe, ela se satisfaz. É uma relação ao mesmo tempo física e espiritual. A criança no seu processo de amadurecimento, começa a ver a mãe por uma parte, para depois vê-la como uma pessoa, que não poderá ser sua companheira para o sexo. E aí surge a pornografia como solução para os problemas criados a partir dessa conscientização de ambos os sexos.

Mas Miriam não limita só aos problemas dos pais, mas também da sociedade, esta grande procura pelos produtos pornográficos. Segundo ela, é muito difícil para o indivíduo declarar abertamente seus problemas sexuais, principalmente pelo



Todos olham os cartazes...

grande preconceito existente, mesmo levando-se em consideração que hoje já se dá um tratamento mais aberto ao assunto.

## FILMES E REVISTAS

Os filmes pornográficos são os mais acessíveis ao público consumidor, já que custam dois mil cruzeiros as entradas de cinema. Ao contrário do que acontece com as revistas, que custam uma média de sete mil cruzeiros.

Durante a exibição do filme "Penetrações" no Cine Jalisco, no dia 28 de novembro, uma quarta-feira, na sessão das oito, havia mais ou menos cinquenta pessoas. Um número razoável de pagantes, na sua maioria composta de homens, sendo que as mulheres geralmente acompanhadas de outras. Todos se acomodavam com uma relativa distância, talvez porque se sentiam inibidos ao co-assistirem cenas provocantes como o próprio título sugeria: "Penetrações".

No decorrer do filme, ouvia-se pequenos barulhinhos, típicos de poltronas cujas molas necessitam de um lubrificante, além de uma série de rufdos e de muitos suspiros. Os homens se mostravam mais desinibidos, ao contrário das mulheres, um pouco mais tímidas. Na saída, quando as luzes se acenderam podiam-se ver uns arrumando as calças, outros dirigindo olhares significativos como quem está convidando para algum

programinha após o filme. Outros, ainda, tentavam se esconder dos demais.

Ao fazer um levantamento nas duas principais distribuidoras em Florianópolis, a Ilhabel — Status, Privé e Ele e Ela — e Abril — Playboy — podemos verificar a quantidade de revistas comercializadas.

Na Ilhabel, a que lida com o maior número deste tipo de publicação, distribui uma média de 700 a 800 revistas por mês, sendo que no verão, esse número sobe para mil exemplares. Já na Abril, distribuidora da Playboy, que de acordo com os números e a que mais tem saída, sua média mensal é de 800. No verão esse número alcança mil e duzentas a mil e quatrocentas revistas.

Observando uma delas pode-se ver todos os tipos de fotos, desde um detalhe do rosto até um close genital, símbolo da beleza maior do sexo feminino. As modelos aparecem em poses provocadoras que estimulam até o menor sensível dos homens. Sim, homens, porque essas revistas são feitas apenas de mulheres quase sempre nuas, ao contrário das fotos masculinas, que, quando aparecem, vestem no mínimo cuecas. São revistas bem produzidas começando pelas capas. Elas prometem fotos fantásticas de artistas conhecidos do público consumidor. Além disso, vêm embaladas em plástico, o que ativa a curiosidade dos que a compram.



... até a polícia.

## Multi-media: um espaço no jornalismo

CLAUDIA ERTHAL

"A mediocridade da burocracia estatal em Santa Catarina, a falta de profissionalismo do pessoal das gráficas — que muitas vezes faz o serviço errado e não entrega no prazo certo — são dificuldades que enfrentamos no dia-a-dia profissional", declara Sérgio Murilo, formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina e que, com mais sete colegas de curso, deu início a um trabalho novo na comunicação social em Florianópolis, e talvez no estado: a Multi-Media.

Numa sala alugada, perto do terminal urbano, funciona essa microempresa. Eles trabalham muito e pretendem fazer de tudo: áudio-visuais e vídeos (geralmente para empresas) jornais e boletins informativos para entidades de classe, como sindicatos e associações. "Trabalhamos com o que seja possível na área de comunicação, mas Florianópolis, se restringe ao trabalho mais gráfico, como o de jornais" — declara Sérgio. Se o interessado quiser um vídeo, o pessoal da Multi faz o projeto e entra em contato com um estúdio de TV para o aluguel do equipamento; com um estúdio fotográfico, se for áudio-visual, pois eles ainda não dispõem de toda a aparelhagem de

que necessitam. O orçamento é entregue ao cliente que decide pela contratação, ou não, dos serviços.

Os vídeos têm sido mais procurados que os áudios-visuais, por seu preço acessível, na proporção de 50% mais barato: enquanto um áudio-visual custa de seis a oito milhões, um vídeo é feito por três e meio a quatro milhões. Dentre os trabalhos que apareceram, chama a atenção o pedido da Associação dos Usuários de Computador. Ela solicitou o projeto de um vídeo mostrando o uso do computador em Santa Catarina, que envolve a Central de Automação em Informática da UFSC, e exige entrevistas com o Secretário do Comércio e do Governador Esperidião Amin. O pessoal da Multi fez o projeto, que foi aceito, mas quando eles viram que o trabalho iria passar para o público uma propaganda do governo do estado, eles desistiram. Sérgio diz que "mesmo ficando um pouco na dúvida sobre o lado profissional — se deveriam ou não ter feito isso — nós não queremos nos vender a esse tipo de serviço, e não nos submetemos a ele".

Por outro lado a opinião das grandes empresas no Estado é diferente: a Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior

(ANDES), solicitou os serviços da Multi-Media para a produção de seu jornal. Como as gráficas locais nem sempre fazem o serviço bem feito e o jornal "A Notícia", de Joinville, negou o uso de suas oficinas, alegando que eles não fazem trabalhos que se oponham ao governo do Estado, conforme declarou Sérgio, a solução tomada foi ir para São Paulo imprimir o jornal, na editora que faz o "Nóvo Leia" (antigo "Leia Livros"). Pelo menos lá, nos temos a certeza de que o serviço sai bem feito e com qualidade".

A Multi-Media não conta mais com seus oito sócios em tempo integral. Maria José trabalha na TV Barriga Verde; Valdir alterna as noites no Hospital de Caridade como enfermeiro e de dia na Multi; Gilberto Colsani foi para São Paulo, a convite da Rede Bandeirantes e é assistente de direção do programa diário Oito e Meia; Ivan trabalha na Rede Barriga Verde e na Acessoria de Imprensa da Secretaria da Agricultura; Isabela, parcialmente na empresa, vai iniciar uma pós-graduação em Sociologia na UFSC. O próprio Sérgio trabalha um dia por semana na Gazeta Mercantil, e Eliana é produtora de TV na Barriga Verde. Mas

antes disso ela viajou pelo interior do estado na tentativa de conseguir a produção de jornais e outros trabalhos para a Multi. Segundo Aderbal, outro sócio da Multi-Media, "há mais opções no interior. O pessoal de lá, sabe que precisa produzir muito para poder ganhar mercado, e descobre a comunicação social como alternativa. Isso abre mais campo e se pode exigir mais respeito à classe: o cumprimento da carga horária de cinco horas de trabalho conforme a lei, um salário com piso justo e um sindicato que seja representativo".

Atualmente Sérgio, Aderbal e Valdir é que trabalham mais intensamente na Multi-Media, fazendo todo o serviço. Eles dizem que começaram totalmente descapitalizados e nos primeiros seis meses, numa sala mais central, onde trabalhavam, só pagaram contas. Agora, mudados para uma sala menor, na rua Francisco Tolentino, e com muito trabalho a fazer, a árvore começa a dar frutos. Segundo Sérgio "trabalho é o que não falta, e a Multi ainda e está se estruturando, mas mais que uma alternativa de trabalho, a Multi deve ser uma alternativa de vida para todo o grupo".

# Música Independente não é isso que você pensa

CLAUDIA ERTHAL

Rádio Cultura AM, 17 horas. De segunda a sexta, sintonizando o dial nesta emissora você tem a oportunidade de ouvir músicas desconhecidas, aquelas que ninguém divulga. São músicas independentes. Mas o que é ser independente? Segundo mestre Aurélio é ser "livre de qualquer dependência ou sujeição; que tem fartos meios de subsistência; que se governa por suas próprias leis, que tem autonomia política (país)".

Transportando o conceito de Aurélio para a música, descobrimos que independência é muito mais do que "fazer um som legal e diferente" como a maioria dos jovens poderia supor. O fato de não estar ligado a nenhum grande esquema de produção artística vinculado a empresas multinacionais, leva o artista a ser mais livre em sua criação mas, também, com menos chances de atingir grandes públicos devido ao problema promocional.

O trabalho do músico independente no Brasil começou a se revelar quando o grupo Boca Livre lançou seu primeiro disco por um selo desconhecido no final da década de setenta. Daí em diante surgiram inúmeras gravadoras, sendo que bem poucas conseguiram sobreviver. Uma delas foi a Lira Paulistana que hoje promove shows somente com músicos independentes em todo o eixo da Grande São Paulo. Eles tocam na rua, em praças, nas Universidades, fugindo assim dos conhecidos meios de promoção. A Lira apoia artista de diversas partes do país que ficaram conhecidos depois de gravarem nesta etiqueta.

No cenário catarinense da produção independente temos poucos trabalhos, e estão restritos à Florianópolis. Em disco menciona-se os nomes do Grupo Engenho, Expresso Rural e Beto Mondadori, que na

realidade não são totalmente independentes, pois estão ligados aos tradicionais esquemas de shows, sendo promovidos por emissoras de TV ligadas a grandes grupos e gravadoras.

Uma desmistificação deve ser feita quando ao trabalho artístico independente: Segundo o crítico Mario Alves Neto "90 por cento da produção musical local é lixo devido à má qualidade artística", donde se conclui que nem tudo é bom só porque é independente. Aí entra o artista que muitas vezes, procurando vender seu trabalho, se diz "independente e marginalizado", querendo dizer que não é valorizado. Cabe ao consumidor ter a consciência crítica do trabalho que merece ser valorizado ou não.



A maioria dos músicos locais que não estão ligados a nenhum grupo oficialmente conhecido do grande público, toca em bares à noite e trabalha durante o dia para poder sobreviver. Há os que conseguem sobreviver trabalhando o tempo todo com música como é o caso de Josue Silva que leciona violão popular de dia e à noite toca no Reçaka Bar. "Os músicos deveriam ser mais cuidadosos com seus trabalhos, registrando-os na Ordem dos Músicos do Brasil, mas eles não o fazem e depois reclamam que não tem apoio", diz Josue que pensa ainda em fundar uma associação de músicos locais, pois "a O.M.B. não faz nada além de cobrar a anuidade, deixando os artistas sem as mínimas condições de trabalho". Essa associação - segundo ele - daria melhor assistência quanto aos registros legais e a devida organização e reconhecimento da profissão.

## A batalha por um lugar

Em Florianópolis localizamos nomes como Frank e Marcão, já veteranos. E tem também Brasil, que você pode ouvir as noites de quinta à domingo no Agua Doce - e que, com seis anos de Florianópolis, já tem uma história para contar: ele veio de Tubarão onde tocava violão apenas por divertimento. De cara, instalou-se em uma pensão, começou a estudar e conseguiu um emprego como técnico na Casan.

Uma noite estava com os amigos num barzinho da cidade, biritando, conversando e ouvindo Frank que tocava ao vivo. Brasil pediu para tocar e com todo o respeito que os músicos trocam mutuamente, Frank cedeu-lhe o lugar. Brasil tocou Samba, de Caetano Veloso. O resultado ele não esperava. O pessoal que estava no bar aplaudiu. Não deu outra. Logo após a apresentação o dono do bar convidou-o para vir tocar ali de quinta à domingo. Brasil aceitou, tomando-se assim músico exclusivo do Pilão.

Brasil ficou conhecido e seu trabalho de intérprete e às vezes compositor de música popular brasileira chamou atenção de muita gente para seu palco: o bar. Outros bares da cidade também foram seu palco,

logo que ele desistiu do emprego e resolveu viver só para a música: "No começo a barra foi pesada porque não se recebe quase nenhum apoio financeiro, e a Ordem dos Músicos do Brasil nem se importa com as condições de trabalho em que estamos, mas valeu a pena e não dá para parar no meio do caminho".

Há um ano Brasil foi convidado para comandar o som do Agua Doce, um bar que abriu no Estreito. Prometeram um ótimo salário, ele foi. Agora, com muita justiça, quer aumento: "tenho que pedir o grande salário que me prometeram, do contrário já estou entrando na batalha por um outro emprego, porque não está dando para pagar todas as despesas". Mesmo com todos os problemas os músicos do bar estão pensando em formar um grupo homônimo, e produzir muito mais trabalhos juntos. E quem passar de quinta à domingo pelo Agua Doce poderá ouvir um ótimo trabalho de interpretação de MPB, feito por gente que não é presa a nenhum grande esquema de produção, mas está lá tocando porque gosta imensamente do que faz.

# Folha seca de madrugada

PAULO SCARDUELLI

A exemplo do que aconteceu em Florianópolis, também em Criciúma, no sul do Estado, a música está correndo solta na veia das pessoas. Cada vez mais a arte musical se faz sentir não só através dos discos feitos por artistas dos grandes centros. Novos conjuntos e grupos musicais de vários estilos surgem do interesse e da paixão de jovens que sonham, um dia, poder gravar um disco com suas próprias canções e, até quem sabe, alcançar a fama de seus ídolos.

Entre os estilos "New Wave", "Heavy Metal", "Rock'n Roll", sobressai-se o Grupo Folha Seca, que cria e canta música popular brasileira. Formado a partir da ideia inicial de três amigos, Nei, Régis e Jackson, em participar do Festival Estudantil da Canção de 1982, em Blumenau, foram convidados, mais tarde, Assis, Tono, Mário e Joelson. Apenas Mário, hoje, não faz mais parte.

A sua primeira apresentação, sem nem mesmo terem ensaiado juntos, ocorreu no City Club de Criciúma. "O espaço inicial estava sendo conquistado", lembra Régis. Chamado inicialmente de "Porongo", só mais tarde e que passou a se chamar "Folha Seca". Já com novo nome, iniciaram-se os ensaios para o Festival e, dentre suas quatro músicas classificadas, estavam "Galope Livre" e "Som da Fumaça". Para Jackson, "a partir desse festival, o grupo começou a tomar forma, forma de gente que sabia o que queria e tinha vontade de ir em frente". Ele ainda diz que foi com a apresentação da maioria dos classificados que o conjunto realmente sentiu que tinha possibilidades de fazer música tão, ou mais bonita que os outros. "A razão", continua ele, "é que não vimos grandes diferenças entre o som que a gente fazia e os que foram premiados".

Depois do Festival, muitos shows foram-se repetindo. O grupo tocou várias vezes em praças públicas, no Calçadão da Nereu Ramos, em Criciúma, como também em Içara, Orleans, Laguna, Urussanga. Ao fim de um ano de preparação, os seis decidiram lançar o Musical "Andança", que no dizer de Assis era "para retratar a história do grupo até então, suas andanças, suas caminhadas".

Como tudo envolve problemas de ordem financeira, também para eles as dificuldades surgiram. Sobreviveram graças ao apoio e patrocínio de uma empresa local. "Foi preciso muita amizade", conta Joelson, o polivalente do "Folha" (violão, acordeon, orgão, harmônica, flauta-doce, além de uma das vozes), "para superar as dificuldades. Como sobrava só o horário entre vinte e duas e uma da madrugada, os ensaios eram feitos a esta hora da noite".

O grupo, então, teve coroado de êxito todo o seu esforço, quando, no dia 14 de abril do ano passado, o Musical foi cantado com muita emoção para uma plateia que não poupou aplausos e que lotava o Teatro Municipal de Criciúma.

Para Régis, "fazer um show não é simplesmente subir ao palco e cantar. Existe toda uma infra-estrutura que precisa ser montada e que tem um custo muito elevado. Por isso, depois da criatividade que o grupo tem, a parte mais importante é o apoio permanente que é necessário, não apenas de parte do público, que é fundamental, mas principalmente dos órgãos governamentais, no aprimoramento da arte musical, para que se projete em âmbito estadual e mesmo nacional, uma atividade deste tipo".

Nei, explica a boa recepção que vem sendo dada em suas apresentações no fato de o grupo ser formado por pessoas das mais variadas culturas. "Uma parte do público se espelha mais no estilo interiorano e regional de algumas canções, outra parte, no estilo mais urbano e rockeiro", explica ele. E isto se deve graças às diferentes realidades em que viveram cada um dos integrantes, sendo que uns vieram do meio rural e outros do meio urbano, da cidade.

Mesmo com três anos de trabalho, conta Jackson, o grupo continua utilizando-se de instrumentos naturais, explorando bem o vocal e se preocupando, principalmente, em deixar uma mensagem de paz, esperança e vida, num mundo diferente.



# A QUEDA DA PAIXÃO

MAURO ANTÔNIO PANDOLFI

O futebol já não é a grande paixão dos brasileiros. Uma pesquisa do Instituto Gallup, divulgada no final de novembro de 84, mostra que o interesse pelo futebol está diminuindo desde o tricampeonato mundial de 70. Em 71, 88% dos cariocas e 72% dos paulistas interessavam-se por futebol. Agora em 84, apenas 57% dos cariocas e 55% dos paulistas ainda se mantêm ligados ao que acontece nos estádios.

A alta e a baixa do futebol tem boas justificativas esportivas. "O futebol não tem tido títulos e ainda perdeu seus grandes ídolos para o exterior. E o vôlei está despertando paixões, porque conquista títulos todos os anos. Se o Brasil tivesse ganho a Copa de 82, o interesse pelo futebol continuaria grande", avalia o publicitário Washington Olivetto, em entrevista à Placar.

A violência e a falta de estrutura são outros itens que aparecem na pesquisa. O jogador Balduino afirma que, "há jogadores que visam a violência, entram em campo para bater. Outro problema do futebol, é a falta de um calendário definido. Hoje os técnicos arrumam seus times na defesa para garantir seus empregos".

Os dirigentes do futebol brasileiros possuem um arsenal de fórmulas mágicas. Criam campeonatos em que os jogos iniciais não despertam interesse dos torcedores, que só comparecem aos estádios nos jogos finais.

Alguns acham que o problema do futebol brasileiro está dentro do campo, como Paulinho da Viola, que afirmou para a revista Placar o seguinte: "a habilidade dos jogadores não é mais a mesma. Se, de um lado, começamos a querer assimilar o futebol-força dos europeus, eles passaram a desejar a nossa técnica e parecem que estão conciliando melhor que nós as duas tendências". Tem a mesma opinião o ex-jogador da seleção brasileira, Nilton San-

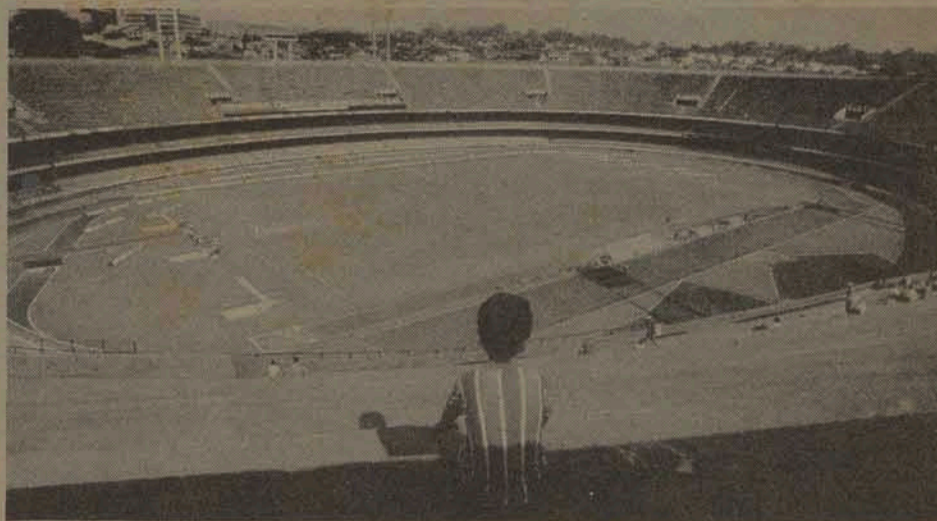
tos: "hoje, não há futebol, só há preparo físico. Só quem não viu o futebol de antes é que deve estar gostando de ver porrada".

O técnico Rubens Minelli não acredita na crise do futebol dentro do campo de jogo. Em entrevista à rádio Gaúcha, o técnico Minelli afirmou que "o futebol está nesta situação porque os dirigentes estão acomodados demais. Os jogadores põem as mãos na cintura e ninguém diz nada". Sobre sua concepção de um time de futebol, Minelli disse: "meu time pode perder, mais vai correr o jogo todo". Minelli foi o autor da célebre frase: "No meu time só joga quem tiver mais de 1m75cm de altura".

O comentarista Rui Carlos Ostermann, em seu livro "A paixão do Futebol" dá uma nova dimensão sobre talento no futebol. Escreveu Osterman: "talento é uma qualidade que em futebol aglutina tanto a força como a habilidade num conceito dinâmico. Talento, agora, é a habilidade apoiada em duas pernas fortes, bom desenvolvimento torácico e suficientemente testada aptidão física".

O técnico francês Michel Hidalgo, velho admirador do nosso futebol, em entrevista à revista Veja, mostrou-se preocupado com a crise do futebol brasileiro. Disse Hidalgo: "o que se passa com o futebol brasileiro, hoje, me assusta. É até normal que um ou dois jogadores da seleção de um país joguem na Itália. Mas houve uma verdadeira debandada. Pode ocorrer uma catástrofe, como ocorreu com a Holanda. Já na Copa, eu podia notar alguns sintomas de decadência no futebol brasileiro".

A seleção brasileira leva a tira pública dos estádios. É preciso que Evaristo de Macedo monte um time como o de 82. Ai a euforia de 70 vai deixar de ser uma saudade distante e talvez, as pesquisas voltem a apontar o futebol como a grande paixão outra vez.



Cena comum no futebol atual

## SITUAÇÃO EM SANTA CATARINA

Santa Catarina é um caso atípico no futebol brasileiro. A pesquisa Gallup/Placar de dezembro de 1983, revela que 61% dos habitantes do estado gostam de futebol, 41% torcem para clubes de fora do estado e 28% afirmam ir aos estádios.

Esta situação tem várias explicações, a mais plausível, é o fato do estado ser um centro de imigrantes — muitos mantêm suas raízes torcendo para os times dos lugares que vieram.

O narrador esportivo da rádio Cultura, Valmir Matos acha que "o público vai se afastando dos estádios devido a fórmula da competição. Há excesso e repetição de jogos, dou exemplo: no campeonato de 84, Figueirense e Joinville jogaram entre si 13 vezes".

O apresentador e narrador esportivo da RBS TV e assessor da federação catari-

nense, J.B. Telles afirma que "há um bom público que vai aos estádios. No quadrangular final, geralmente ficam os maiores clubes, a média cresce".

Telles tem razão, o campeonato estadual de 83 teve um público pagante de 571.576 expectadores — média de 1.898 pagantes por jogo. No quadrangular final, o público foi de 60.110 pagantes — média de 5.009 pessoas por partida.

O campeonato de 84 apresentou um aumento de público, 599.122 pessoas assistiram aos jogos — média de 2.087 por jogo. No quadrangular final o público pagante foi 99.461 pessoas — média por jogo 8.288 expectadores.

Na opinião de alguns torcedores e jornalistas, o público só vai aos estádios em jogos de real importância e decisivos. Como observa o narrador Valmir Matos, "o torcedor não vai ao jogo, porque sabe que um mês depois deles jogarão de novo".

## COM A FORÇA DE DAVI

MAURO ANTÔNIO PANDOLFI

"Balduino dispensado do Figueirense", no dia 16 de janeiro os jornais estampavam esta manchete na seção esportiva. Ex-ídolo da torcida, polêmico, "não estava mais nos planos do clube", afirmou vagamente um diretor do Figueirense.

Brigão, Balduino se considera injustiçado, e disse ao jornal "O Estado" o seguinte: "os números mostram que eu fiz muito pelo clube e acho desagradável ser colocado a margem desta forma, sem que me seja dada oportunidade de defesa".

Controvertido, sua dispensa causou discussões entre torcedores e jornalistas. "É um absurdo, dispensar um craque como Badu", disse Edson, 18, torcedor do Figueira. Já Fernandez, 30, também torcedor, é favorável a saída, disse ele: "Badu já teve seu tempo, não ganhou nenhum título".

O apresentador e narrador esportivo da RBS TV, J.B. Telles (que costumava chamar Balduino de "reizinho"), afirmou que "foi uma atitude corajosa e certa, é preciso mudar muita coisa no futebol da capital". Já o narrador da rádio Cultura, Valmir Matos, vê a dispensa por dois lados, disse ele: "prejudicial para o jogador, pois teve sua atividade profissional interrompida. Para o clube seu concurso não interessava, pois tem outros planos e, sua imagem já estava desgastada perante a torcida".

Até o momento que podem render para seus clubes, são festejados e idolatrados, depois, despachados como objetos descartáveis. Chega-se ao fim o ciclo Balduino. Quem era Balduino? Um jogador pequeno

mas com a força de Davi.

Cabeça erguida, olhos atentos, dominando cada centímetro do gramado. Percebendo os mínimos movimentos de companheiros e adversários. Raciocínio rápido para decidir entre o drible e o passe certo. Bola tocada com carinhosa intimidade. Polêmico, controvertido e brigão. Assim é João Carlos da Silva, o Balduino, 1m60cm de altura, 32 anos. Um dos últimos jogadores técnicos do vigoroso futebol catarinense.

Primeiro foi Zenon, depois Toninho,



Lico, Renato Sá. Um a um dos grandes jogadores do estado foram contratados pelos grandes clubes. Apesar de ter feito um bom campeonato nacional em 1973, pelo Avaí, despertando o interesse de vários clubes, Balduino permaneceu no futebol catarinense até 1980 — (Avaí, Figueirense e Joinville). Ele justifica: "meu problema sempre foi a estatura. Os clubes tinham dúvidas em ariscar em um jogador pe-

queno como eu".

A grande chance surgiu em 80, foi para o Grêmio levado pelo amigo Oberdan. No entanto, Balduino ficou apenas 4 meses, jogou apenas 5 partidas. Ele explica: "Oberdan ficou com medo de me lançar. Ai eu pus na cabeça que não teria chance, e pedi para voltar". Frustrado, Badu retorna para o Figueirense. De jogador comportado, torna-se indisciplinado e revoltado, foi expulso 6 vezes no campeonato catarinense de 80. Ele justifica a mudança: "eu me arrependi de ter saído do Grêmio. Levava para o campo toda a revolta".

Aos 32 anos, Balduino não alimenta mais ilusão no futebol, luta por melhores condições para os outros boleiros. Presidente da Associação dos Jogadores Profissionais de Santa Catarina, primeiro passo para a criação do sindicato, Balduino afirma que a conscientização é pouca, "jogador não sabe a força que tem", diz Badu.

"Os técnicos estão mais liberais, mas não discutem ainda a forma de trabalho de um clube. Impõem a tática e a forma de jogar da equipe. Os mais autoritários foram: Zezé, o Velha e o Edgar Ferreira. Os mais liberais foram: Jorge Ferreira e Zé Mário", explica Balduino.

O caso Mário Sérgio agitou o futebol. Segundo o médico Eduardo de Rose, o doping "corre" solto no futebol brasileiro. Sem querer entrar fundo no assunto, Balduino admite a existência doping no futebol catarinense. Explica ele: "Não posso provar, sei de ouvir falar. Nunca joguei, dopado, não acredito que o doping funcione. Se funcionasse, os "maconheiros"

seriam os melhores jogadores de futebol".

A relação entre jogador e árbitro é complexa e antagônica. Cabe ao árbitro coibir e punir a violência. No entanto, para Balduino isso não ocorre, "eles (árbitros) se expulsam por reclamações, só quando contestam sua marcação. É a parte mais autoritária do futebol", diz Balduino.

A falta de um calendário definido e sensato, levou o futebol à defesa. "Os técnicos não tem segurança de emprego, se perdem duas partidas, são demitidos. Então, na defesa do seu emprego colocam o time na retranca", afirma Badu. A preparação física é outro problema no futebol. Segundo Balduino (é formado e pós-graduado em Educação Física), "a preparação física não está adaptada corretamente no país. Não há uma preparação científica levando em conta o clima e a alimentação. E, também, não se respeita a constituição física do atleta. Há jogadores que não precisam de uma carga intensa de física, isso esgota e atrapalha o desempenho do jogador".

Balduino pretende jogar mais alguns anos (2 ou 3), e depois tornar-se técnico. "Ja dirigi o Figueirense, 5 jogos em 82 e gostei. Afinal o futebol está no sangue, e não pretendo abandoná-lo. Quero ser um técnico ofensivo, que dê liberdade para o jogador realizar todo seu potencial", explica ele.

Hoje ele continua encarando os zagueiros adversários sem temor. E é graças a essas virtudes básicas — habilidade e talento — que ele sobrevive e se destaca num esporte onde cada vez mais são os "Golias" que dão a última palavra.